



## Futebol. A marca de uma identidade nacional?

**Simoni Lahud Guedes**

Copa do Mundo: ritual quadrienal de nacionalidade

**Édison Gastaldo**

O futebol como um drama da vida social no Brasil

**Ronaldo Helal**

Jogadores excepcionais e as jogadas brasileiras

E mais:

>> **Frank Usarski:**

A busca de uma teologia  
das religiões

>> **Castor Bartolomé Ruiz:**

Lévinas e o pensamento  
do outro

# Futebol. A marca de uma identidade nacional?

Em meio às emoções que envolvem a Copa do Mundo de Futebol, a **IHU On-Line** propõe como tema de capa desta semana a importância do futebol na constituição da identidade nacional do povo brasileiro. Entrevistamos especialistas no tema, que discorrem sobre o significado do esporte mais venerado pelos brasileiros, bem como as principais transformações que o futebol tem sofrido ao longo de sua história.

Participam do debate os antropólogos **Arlei Damo**, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS; **Simoni Lahud Guedes**, professora na Universidade Federal Fluminense - UFF; **Édison Gastaldo**, professor na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; a socióloga **Fátima Ferreira Antunes**, do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria de Cultura de São Paulo; **Ronaldo Helal**, professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, e os jornalistas **Ruy Castro**, **Nando Gross** e **Fabiano Baldasso**. Um breve texto sobre o tema, que nos foi enviado pelo professor **José Afonso de Oliveira**, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, também é publicado.

Completam esta edição as entrevistas com **Frank Usarski**, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, sobre a busca de uma teologia das religiões, com **Maria Eunice Maciel**, professora na UFRGS, e com **Castor Bartolomé Ruiz**, professor e pesquisador do PPG em Filosofia da Unisinos, sobre Lévinas e o pensamento do outro, tema da próxima etapa do **Ciclo de Estudos Filosofias da diferença** - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana, a ser realizado no dia 23 de junho, quarta-feira.

“A EBC e a TV Brasil: mais do mesmo?”, de **Rodrigo Jacobus**, membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade (CEPOS/Unisinos) e “A lucidez de José Saramago”, de **Rafael B. Vieira**, mestrando em direito na PUC-Rio, são os artigos que compõem este número.

A todas e a todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Foto da capa: Bruno Alencastro

Expediente

**IHU On-Line** é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Vanessa Alves (vanessaam@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do site: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley e Cássio de Almeida. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no site [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuonline@unisinos.br](mailto:ihuonline@unisinos.br). Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) - ramal 4121.



LEI DE  
INCENTIVO  
À CULTURA



Ministério  
da Cultura



## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Arlei Damo: Futebol, um esporte agonístico

PÁGINA 08 | Édison Gastaldo: O futebol como um drama da vida social no Brasil

PÁGINA 11 | Fátima Ferreira Antunes: Brasil: país do futebol?

PÁGINA 13 | Nando Gross: “O Brasil não é tão poderoso quanto o futebol nacional”

PÁGINA 15 | Fabiano Baldasso: “Aqui, no Rio Grande do Sul, não existe amor pela seleção brasileira. Aqui se ama o Grêmio e se ama o Internacional”

PÁGINA 18 | Ronaldo Helal: “Jogadores excepcionais tendem a fazer jogadas brasileiras”

PÁGINA 21 | Ruy Castro: “Neste momento, não há ídolos no futebol brasileiro”

PÁGINA 22 | Simoni Lahud Guedes: Copa do Mundo: ritual quadrienal de nacionalidade

PÁGINA 25 | José Afonso de Oliveira: A pátria de chuteiras

### B. Destaques da semana

» Memória

PÁGINA 29 | Rafael B. Vieira: José Saramago (1922-2010)

» Teologia Pública

PÁGINA 30 | Frank Usarski: O Budismo e “as outras”: em busca de uma teologia das religiões

» Coluna do Cepos

PÁGINA 34 | Rodrigo Jacobus: A EBC e a TV Brasil: mais do mesmo?

» Destaques On-Line

PÁGINA 36 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 40 | Castor Ruiz: Alteridade, dimensão primeira do sujeito

PÁGINA 43 | Maria Eunice Maciel: Sepé, um emblema que ultrapassa fronteiras

» IHU Repórter

PÁGINA 45 | Maria Cristina Bohn Martins



# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa



## Futebol, um esporte agonístico

Jogo simula as regras de uma guerra, e une os torcedores em torno de simbologias que extrapolam a racionalidade, acentua o antropólogo Arlei Damo

POR MÁRCIA JUNGES

**E**spécie de guerra simulada, o futebol é um esporte de natureza agonística, destaca o antropólogo Arlei Damo. Repleto de simbologias, ele é capaz de atrair atenções para as disputas da Copa do Mundo, sobretudo. No Brasil, isso é ainda mais verdadeiro quando a seleção entra em campo. “Somos reconhecidos internacionalmente pela originalidade da nossa maneira de jogar, e isto se deve, em boa medida, à maneira como a cultura corporal afro-brasileira processou as regras do então chamado ‘nobre esporte bretão’”, disse Damo na entrevista que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line.

Damo é graduado em Educação Física, mestre e doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e leciona nessa mesma instituição. É autor de *Futebol e Identidade Social* (Porto Alegre: UFRGS, 2002) e *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França* (São Paulo: HUCITEC, 2007) e coautor de *Fútbol y Cultura* (Buenos Aires, Norma, 2001). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em outra entrevista à nossa publicação<sup>1</sup>, o senhor afirma que o futebol é o “símbolo laico da nação”. Como isso se exacerba em tempos de Copa do Mundo?**

**Arlei Damo** - A copa é um evento que dura menos de um mês. E a equipe que representa o Brasil tem, a rigor, três performances confirmadas, podendo ampliar para sete caso chegue às finais. Rigorosamente, isto é o que temos em termos de jogos propriamente ditos, mas a mobilização para eles é de fato bem mais ampla. A seleção que vai representar o Brasil nestes poucos jogos é preparada ao longo de quatro anos, em jogos amistosos, durante as eliminatórias ou através da disputa de outras competições. Paralelamente à preparação da equipe que, de fato, entra em campo, temos a mobilização do público. Assim sendo, temos, por um lado, uma mobilização permanente do apreço pela seleção. Tende a ser reafirmada a própria crença de que a equipe organizada pela CBF, uma entidade privada, é o Brasil, a tal ponto que parece algo natural, incontestável. Por outro lado, observa-se a intensificação

desta mobilização, de forma gradativa, à medida que a copa se aproxima. Assim sendo, quando a seleção entra em campo, a impressão mesmo é de que se está diante de algo derradeiramente importante, dramático, inevitável. Só quem pensa diferente é que está fora de contexto.

**IHU On-Line - Em que sentido o futebol é uma guerra simulada, metafórica?**

**Arlei Damo** - Esta é uma analogia antiga no espectro da literatura em ciências sociais. Não creio que alguém possa reivindicar os direitos autorais desta ideia, de tão disseminada que é. Eu também a tenho reproduzido, mas percebi, ultimamente, que ela, por vezes, é mal compreendida, pois muitos a tomam como se fosse uma proposição que aprisiona o futebol na perspectiva da guerra. Diria, então, que o espaço do futebol pode ser pensado como tendo uma intersecção com o da guerra (no sentido de disputa, sobretudo), mas também com outros megaeventos (espetáculos de música, por exemplo), festas (religiosas ou profanas, pouco importa), ritos coletivos, mercado de bens simbólicos e assim por diante. De minha parte, pelo menos,

quando afirmo que o futebol é uma guerra simulada, tenho em mente a estrutura mesma do jogo, que é algo anterior ao próprio futebol, pois tal estrutura, de natureza agonística, é partilhada por todos os esportes. Sem exceção, mas com algumas variações significativas, todas as competições esportivas partem de um ponto no qual os contendores são pensados como estando em situação de igualdade para, ao final de um período de tempo no qual eles se envolvem numa disputa altamente regrada, produz-se uma cisão entre vencedores e vencidos. A guerra é produto de um impasse, de um empate diplomático, digamos assim. No esporte, o impasse é forjado, daí a ideia de simulação.

Dentre os vários pensadores que se reportam a esta analogia, foi, sem dúvidas, **Norbert Elias**<sup>2</sup> que a pensou mais

<sup>2</sup> **Norbert Elias** (1897-1990): sociólogo alemão. De família judaica, teve de fugir da Alemanha nazista exilando-se em 1933 na França, antes de se estabelecer na Inglaterra onde passou grande parte de sua carreira. Em 1954, começou como professor na Universidade de Leicester. Suas obras focaram a relação entre poder, comportamento, emoção e conhecimento na História. Devido a circunstâncias históricas, Elias permaneceu durante um longo período como um autor marginal, tendo sido redescoberto por uma nova geração de teóricos nos anos 1970, quando se tornou um dos mais influentes sociólogos de todos os tempos.

<sup>1</sup> Trata-se da entrevista *Um campo de guerra*, publicada na Revista IHU On-Line 184, de 12-06-2006, disponível para download em <http://migre.me/QY1r>. (Nota da IHU On-Line)

detidamente, estabelecendo, inclusive, conexões empíricas. O sociólogo alemão mostrou que a invenção dos esportes modernos é, em boa medida, paralela à curialização dos guerreiros a partir do final da Idade Média. Fazer a guerra foi, durante a Idade Média, uma ocupação nobre, que instituiu, inclusive, uma classe de nobreza. As campanhas eram permanentes porque estas configurações precisavam se reproduzir. Então havia um processo de recrutamento permanente, de modo que as chances de alguém do sexo masculino vir a ser convocado para a guerra era de fato muito alta. Ou seja, a guerra estava no horizonte de quase todos os homens. Progressivamente, dirá Elias, as guerras vão perdendo espaço para o diálogo, conquanto isto não deva ser pensado em perspectiva humanitária.

### Esportes e economia disciplinar

O que ocorre, de fato, é a emergência de um tipo de organização social e política chamada Estado-nação, que define, entre outras coisas, certas fronteiras geográficas e, fundamentalmente, a ideia de autonomia interna e respeito externo. Negociar, em todos os sentidos, torna-se mais importante do que brigar. Daí surge um equilíbrio dinâmico. É fato que a diplomacia - que ajuda a preparar, evitar ou reparar a guerra - adquire importância cada vez maior. Os fluxos comerciais, através das fronteiras, ganham destaque em relação à pilhagem e ao saque. A guerra passa a ser uma estratégia; um meio, e não um fim. Inevitavelmente, há um aquartelamento dos guerreiros e a necessidade de criar uma economia disciplinar que os mantenha apaziguados e, simultaneamente, alerta. Os esportes, na perspectiva de Elias, têm muito a ver com esta economia disciplinar, que é ao mesmo tempo moral, emocional e corporal. A partir do século XIX, os esportes passaram por transformações radicais, no sentido de codificação das regras, e assim puderam ser estendidos à prática de um espectro mais amplo da sociedade, com uma contribuição decisiva dos internatos religiosos ou

**“Minha querida avó,  
por exemplo, nunca  
achou a menor graça em  
um bando de homens  
correndo atrás de uma  
bola. Sempre pensou  
que isso fosse uma  
infantilidade, para não  
dizer uma estupidez”**

laicos, que em boa medida lembram, outra vez, os quartéis. O século XX viu os esportes se autonomizarem do ponto de vista econômico, estético e moral. Mas esta autonomia é sempre parcial, pois os nexos com outras esferas sócio-culturais podem ser recuperadas a qualquer momento, e nisto reside inclusive os nexos com a guerra.

**IHU On-Line - A nacionalidade continua sendo um critério de escolha para os atletas que jogam na Copa do Mundo. Qual é o sentido dessa premissa se levamos em consideração que muitos desses atletas não jogam e não moram em seus países há tempo?**

**Arlei Damo** - Em um texto, publicado no livro *Nações em Campo: Copa do Mundo e Identidade Nacional* (Niterói: Intertexto, 2006), desenvolvi um argumento, retomado em outros momentos, que me parece bastante esclarecedor a este respeito. A FIFA é uma entidade corporativa que se propagandeia, de modo muito convincente, como uma espécie de entidade supranacional sem fins lucrativos e com interesses voltados ao conagraçamento entre as nações através do futebol. Se seguirmos esta perspectiva, reproduzida como uma verdade incontestada por quase todas as mídias - e uma mentira dita um milhão de vezes será uma verdade, bem sabemos -, nos distanciamos de qualquer possibilidade de entendimento da realidade. A FIFA

visa lucro, e o faz de modo muito incisivo, tanto que exigiu do governo brasileiro um estatuto especial que a isenta de tributação, algo ao alcance de poucas empresas capitalistas. Isto dá uma ideia do poder de barganha desta entidade e, vale acrescentar, seus interesses, se é que não se resumem ao empreendimento comercial, são no mínimo difusos ou pelo menos mais amplos e menos nobres do que sua propaganda.

Mas afinal, de onde provém tanto poder? Do fato da FIFA, à diferença do que ocorre na maioria dos outros esportes, deter o monopólio do futebol de espetáculo. Ou seja, ela impõe as regras do jogo, que não são apenas as regras do jogo jogado dentro de campo, pois essas estão a cargo da Internacional Board, parceira da FIFA. A FIFA determina as regras fora de campo, de como os clubes e os jogadores devem se portar. Tem sua própria justiça, que por vezes se confunde com o sistema jurídico estatal, mas que de fato é uma “justiça bastarda”. A FIFA delega poder às confederações continentais - tipo UEFA (Union of European Football Associations) e CONMEBOL (South American Football Confederation) - e às federações nacionais - CBF, por exemplo -, que podem, inclusive, delegar aos próprios clubes filiados a organização das competições nacionais - é o caso de quase todos os países europeus em que as chamadas ligas organizam as competições profissionais. Isto posto, fica mais claro perceber que existem, a rigor, dois sistemas de disputas no âmbito do futebol de espetáculo: um deles, denominado clubístico, e o outro, com o perdão do neologismo, nacionalístico. A FIFA controla os dois, obviamente, mas é sobre o nacionalístico que ela detém o monopólio absoluto.

### Jogadores como mercadoria

No sistema clubístico, a FIFA permite às equipes o vínculo com os atletas a partir de critérios trabalhistas, muito próximo do que ocorre com outros profissionais. O contrato entre indivíduo e instituição - ou seja, entre clube e jogador - é mediado por critérios legais e econômicos, sendo comum a circulação de jogadores conforme as

A obra mais importante de Elias foram os dois volumes de *O processo civilizatório*. (Nota da IHU On-Line)

regras deste mercado particular. A FIFA impõe algumas normas, entre as mais importantes, a impossibilidade de um jogador prestar serviço a dois clubes simultaneamente. Mas, insisto, ela admite o mercado que é, não apenas um mercado laboral, mas um mercado de pessoas, pois os jogadores têm preço e são tratados como mercadorias.

Finalmente, o grande segredo: a FIFA não permite que este tipo de mercado seja instituído em relação às seleções nacionais. Aqui o vínculo privilegiado é de outra natureza, de cidadania. Ou seja, um jogador só pode atuar por uma seleção nacional, a de seu país de nascimento, ou se tiver o título de cidadão de outra nação, mas tal aquisição passa por critérios que excedem o âmbito esportivo. Isto pode parecer um mero detalhe do ponto de vista prático, mas é essencial do ponto de vista simbólico. No caso do sistema nacionalístico de disputas, o engajamento dos indivíduos se dá mediante critérios de nacionalidade, razão pela qual o time recrutado pela CBF, por exemplo, acaba facilmente parecendo (e sendo) o Brasil, como se fosse um exército laico. Se a FIFA permitisse o recrutamento das seleções mediante critérios econômicos, não tenho dúvidas de que a Arábia Saudita entraria na Copa como favorita. Mas, neste caso, as copas perderiam completamente o sentido e, portanto, o público, logo, os patrocinadores. A FIFA, mais do que ninguém, sabe disso.

**IHU On-Line - Em que medida a Copa na África do Sul representa uma “democratização” do futebol para fora do eixo do Primeiro Mundo como sede do evento?**

**Arlei Damo** - Foi o ex-presidente João Havelange quem instituiu que as Copas deveriam ser realizadas em continentes distintos, num sistema de rotatividade. Um dos objetivos era ampliar o mercado futebolístico, *pari passu* o processo de globalização. Outro objetivo de Havelange era o poder. A FIFA era dominada pelos europeus - ainda hoje eles constituem 1/3 dos participantes da copa, por exemplo -, e Havelange teria mais chances de se reproduzir no poder se ampliasse o leque de votos, ampliando o

## “A partir de 2018, haverá concorrência aberta para a escolha do país-sede. Afinal, o futebol está globalizado”

leque de federações e, por extensão, de representantes delas nas competições organizadas pela entidade. Foi estratégica, portanto, a ampliação do número de participantes nas copas, até as 32 seleções atuais, bem como o rodízio que incluiu o continente africano. Havelange tenta fazer crer, insistentemente, que a copa da África do Sul é sua maior conquista porque estaria cumprindo, afinal, o desígnio de irmandade entre as nações, contemplando os cinco continentes. Sem contestar, de todo, a plausibilidade desta perspectiva explicativa, afinada com o multiculturalismo, devem-se incluir outras, entre elas a multimercadológica. Tanto é verdade que, a partir de 2018, haverá concorrência aberta para a escolha do país-sede. Afinal, o futebol está globalizado. A tendência será uma concentração maior de copas na Europa - os demais que assistam pela TV - e a predominância dos interesses estritamente comerciais.

**IHU On-Line - Como podemos entender que o futebol, e em específico a Copa do Mundo, tenha o poder de “parar” o País? Que outro acontecimento teria essa força de mobilização?**

**Arlei Damo** - A seleção brasileira de fato tem um poder simbólico notável. O esporte tem este poder de representação. Como diria o historiador inglês Erick Hobsbawm<sup>3</sup>, não existe nada mais potente, em termos de representação, do que um símbolo humano. E os

<sup>3</sup> Eric Hobsbawm: historiador marxista do século XX. Autor de inúmeros livros, entre os quais *A Era dos Extremos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995), *A Era do Capital* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982), *A Era das Revoluções* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982), *A Era dos Impérios* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988), *Bandidos* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976) e sua autobiografia, *Tempos Interessantes: uma vida no século XX* (São Paulo: Companhia das Letras, 2002). (Nota da IHU On-Line).

atletas, individualmente ou coletivamente, são exatamente isso. É difícil rivalizar com eles. Os heróis de guerra talvez o façam, mas o Brasil não tem tradição nisso. Os pop stars podem ser alçados às alturas, mas falta-lhes, na maioria das vezes, algo que os vincule às causas coletivas. De outra parte, o esporte precisa, desesperadamente, deste sentido que lhe é exógeno. Minha querida avó, por exemplo, nunca achou a menor graça em um bando de homens correndo atrás de uma bola. Sempre pensou que isso fosse uma infantilidade, para não dizer uma estupidéz. Eu concordo plenamente com ela. Mas para ela, tudo muda de sentido quando esses marmanjos vestem uma camisa verde e amarela. Somos humanos por conta disso, porque habitamos um universo de símbolos.

**IHU On-Line - O senhor percebe tanto interesse em outros países, como no Brasil, em relação ao futebol? Por que somos considerados a terra desse esporte se o seu berço é a Inglaterra?**

**Arlei Damo** - Há outros países tão ou mais interessados em futebol do que o Brasil. Argentina, Itália, Inglaterra, Espanha, são apenas alguns exemplos. O que ocorre de diferente, talvez, é que, no Brasil, há uma hegemonia do futebol em relação a outros esportes. Daí a impressão que se trata de um esporte brasileiro. Não se pode deixar de lembrar, todavia, que somos reconhecidos internacionalmente pela originalidade da nossa maneira de jogar, e isto se deve, em boa medida, à maneira como a cultura corporal afro-brasileira processou as regras do então chamado “nobre esporte bretão”.

**IHU On-Line - Como podemos entender que o Brasil tenha tanto sucesso no futebol em relação aos outros países? O que nos torna tão diferente das outras nações, a ponto de termos vencido a Copa cinco vezes?**

**Arlei Damo** - Muita gente não gosta de explicações sociológicas, que a rigor são científicas e, portanto, reduzem a margem para as especulações místicas. Este é um caso. O Brasil é o país mais populoso do mundo no qual o



futebol é o esporte mais popular. Pela lógica, nós temos o maior número de praticantes em termos absolutos. E como eu penso que a qualidade não é alheia à quantidade, não seria de esperar senão que no Brasil se produzissem muitos profissionais qualificados. Mas isto não é tudo. O quase monopólio do futebol centrifuga os talentos esportivos. Os meninos podem aprender outros esportes na escola ou em clubes, mas, o futebol, eles aprendem em toda a parte. Então existe uma extensa quantidade de talentos para ser recrutada, uma superabundância, eu diria. Mas não se pode descartar também a qualidade dos nossos centros de formação, em boa parte, voltados para a produção de atletas-mercadorias. Somos efetivamente muito bons nisso, mas não me parece que seja apenas motivo de orgulho. Se pensarmos que o futebol é uma modalidade de bem simbólico - que pode ser consumido como um teatro, cinema ou outro bem que não possui uma dimensão material -, temos que admitir também que a grande indústria de transformação está situada na Europa - Inglaterra, Itália, Espanha, especialmente. É lá que se realizam os jogos irradiados ao mundo inteiro. No Brasil, produzimos um espetáculo de qualidade mediana, pois nossos talentos principais foram recrutados pelos europeus. Em síntese, no mercado futebolístico, ocupamos a mesma posição que o Brasil se encontra no âmbito mais amplo da economia: a de produtores de *commodities*.

#### BAÚ DA IHU ON-LINE

>> Sobre o futebol, a IHU On-Line já publicou outra edição. Confira:

\* *Futebol: mística, identidade e comércio*. Edição número 184, de 12-06-2006, disponível para download em <http://migre.me/QJzc>

#### LEIA MAIS...

>> Arlei Damo já concedeu outra entrevista à IHU On-Line:

\* *Um campo de guerra*. Edição 184 da Revista IHU On-Line, de 12-06-2006, disponível para download em <http://migre.me/Q8IJ>

## O futebol como um drama da vida social no Brasil

Segundo a visão de Édison Gastaldo, de longe o futebol é o esporte mais importante no contexto social brasileiro

POR GRAZIELA WOLFART

Para o antropólogo e professor Édison Gastaldo, na entrevista que concedeu, por telefone, para a IHU On-Line, o futebol “é um caminho potencial para descobrirmos verdades profundas sobre a nossa cultura, sobre quem somos. Dentro de um campo de futebol, dramatizam-se valores e aspectos fundamentais do que significa ser brasileiro”. Para Gastaldo, a Copa do mundo é o momento mais importante de celebração da nacionalidade brasileira. E explica: “isso aparece no índice de audiência das partidas do Brasil na Copa que tradicionalmente, ao longo de décadas, vem representando as maiores concentrações históricas de audiência midiática de todos os tempos. Uma partida do Brasil na Copa do Mundo concentra normalmente de 97 a 98% dos televisores ligados. Nenhum outro evento concentra tanta gente na frente da TV para ver a mesma coisa. É a hora em que todo mundo se veste de verde e amarelo, em que todo mundo canta o Hino Nacional, em que todos se abraçam, choram, vibram. Um jogo do Brasil na Copa do Mundo é o fato social total brasileiro. Concentram-se multidões de pessoas no mesmo lugar, em torno de um único valor: nós contra os outros. Por isso a Copa é tão importante. É o momento de ver quem somos frente aos outros, expresso na metonímia de que 11 pessoas são o Brasil”.

Édison Luis Gastaldo é antropólogo. É professor no Departamento de Letras e Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. É autor dos *Cadernos IHU Ideias* número 10, intitulado *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo*, disponível para download em <http://migre.me/QaBG>, e do número 43, intitulado *Futebol, mídia e sociabilidade. Uma experiência etnográfica*, disponível para download em <http://migre.me/QaFm>. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é o significado antropológico e social do futebol no Brasil?**

**Édison Gastaldo** - Quando falamos de esporte no Brasil, estamos falando de futebol. De longe, o futebol é o esporte mais importante no contexto social brasileiro. Por muito tempo, as Ciências Sociais consideraram o futebol como um fato de menor importância. Quando muito, concediam ao futebol um estatuto de alienação. Encerravam a ques-

tão dizendo que o futebol era o ópio do povo, servia para mistificar as classes trabalhadoras e afastá-las daquilo que deveria ser o seu verdadeiro motivo de preocupação. Com isso, deixava-se de lado toda a importância e a riqueza conceitual do esporte. O futebol, no início do século XX, foi visto por muitos intelectuais importantes, inclusive



Graciliano Ramos<sup>1</sup> e Villa-Lobos<sup>2</sup>, como um estrangeirismo inconcebível, como um modismo estrangeiro, que não tinha nada a ver com a cultura brasileira. Tem até um texto famoso do Graciliano Ramos que se chama “Futebol é fogo de palha”, que dizia que era uma moda, como o ioiô e o bambolê. Ele dizia que o futebol tinha vindo, mas ia passar, pois “o verdadeiro esporte brasileiro é a rasteira, de preferência pelas costas”. Desde os anos 80, a Ciência Social brasileira tem desenvolvido uma nova perspectiva bem mais avançada sobre o futebol, sem preconceito, uma perspectiva mais antropológica do esporte. O marco dessa perspectiva é a publicação, em 1982, do livro *Universo do futebol* (Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982), organizado pelo antropólogo Roberto da Matta<sup>3</sup>. Ali o futebol é apresentado sob uma nova luz, pensado como um fato social em si mesmo e interpretado por da Matta e seus outros colegas que participaram do livro como uma espécie de drama da vida social no Brasil. Segundo essa perspectiva,

## “A certeza dos torcedores de que o juiz está roubando expressa a desconfiança do povo brasileiro com seu Estado”

num campo de futebol, dramatizam-se elementos profundos da cultura brasileira. Não só não é alienação, como ele é um caminho potencial para descobrirmos verdades profundas sobre a nossa cultura, sobre quem somos. Dentro de um campo de futebol, dramatizam-se valores e aspectos fundamentais do que significa ser brasileiro. Isso se exemplifica na rejeição unânime das torcidas ao juiz e o próprio fato de, no Brasil, chamarmos o árbitro de juiz. Essa rejeição unânime à pessoa do juiz pode ser interpretada como uma reação do povo contra a tirania do Estado. O juiz não deixa as pessoas fazerem o que querem, é um sujeito a favor do Estado, e não do povo. O juiz no campo de futebol expulsa o meu jogador, anula o meu gol, marca o impedimento do meu ataque. Então o juiz é ladrão. A certeza dos torcedores de que o juiz está roubando expressa a desconfiança do povo brasileiro com seu Estado.

**IHU On-Line - Qual a importância de discutir academicamente a Copa do Mundo?**

**Édison Gastaldo** - A Copa do Mundo é um momento extraordinariamente importante no estudo do futebol como um elemento de identidade nacional no Brasil. É o momento mais importante de celebração da nacionalidade brasileira. Isso aparece no índice de audiência das partidas do Brasil na Copa que tradicionalmente, ao longo de décadas, vem representando as maiores concentrações históricas de audiência midiática de todos os tempos. Uma partida do Brasil na Copa do Mundo concentra normalmente de 97 a 98% dos televisores ligados. Nenhum outro evento concentra tanta gente na frente da TV para ver a mesma coisa. É

a hora em que todo mundo se veste de verde e amarelo, em que todo mundo canta o Hino Nacional, em que todos se abraçam, choram, vibram. Um jogo do Brasil na Copa do Mundo é o fato social total brasileiro. Concentram-se multidões de pessoas no mesmo lugar, em torno de um único valor: nós contra os outros. Por isso a Copa é tão importante. É o momento de ver quem somos frente aos outros, expresso na metonímia de que 11 pessoas são o Brasil.

**IHU On-Line - O futebol tornou-se um importante elemento constitutivo das relações internacionais que já não podem ser resumidas a questões diplomáticas entre Estados? Como se dão essas relações através do futebol?**

**Édison Gastaldo** - É preciso ter cautela nessa aproximação. O futebol representa as nações só em metáfora, nas figuras de linguagem. Aqueles onze jogadores não têm a bandeira do Brasil no peito. Eles têm o emblema da CBF. A FIFA não é a ONU. O futebol não é uma instância diplomática. Quem tem a dimensão da diplomacia internacional é a ONU. A FIFA organiza federações nacionais de práticas futebolísticas. Quando falamos que o Brasil vai jogar com a Argentina, temos que ter em mente que está jogando o time da CBF contra o time da AFA (Asociación del Fútbol Argentino). Tem um efeito simbólico de que aqueles ali somos nós. Mas eles são os jogadores do Ricardo Teixeira. Ele que escolhe o técnico, e este é quem escolhe os jogadores. E a CBF, como as outras associações de futebol, não prestam contas a governos, não representam o Brasil em termos práticos. Em termos simbólicos, sim. E essa metonímia é muito lucrativamente explorada pela FIFA, pela CBF e por todas as outras associações futebolísticas do mundo. As pessoas dizem que o futebol para as guerras, resolve os conflitos, e isso não é verdade. Às vezes isso pode acontecer, mas é uma circunstância especial de fatores. Por exemplo, a Coreia do Sul e a Coreia do Norte estão à beira de uma guerra. A Coreia do Norte afundou um barco sul-coreano e provocou uma forte tensão militar na fronteira dos dois países. E

1 Graciliano Ramos (1892-1953): escritor alagoano, nascido em Quebrângulo. Autor de numerosas obras, várias delas adaptadas para o cinema, como *Vidas Secas* e *Memórias do cárcere*, em 1963 e 1983, respectivamente, por Nelson Pereira dos Santos. A obra *Vidas Secas* foi o objeto de estudo do *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, de 17 de junho de 2004. Quem conduziu o debate foi a Prof<sup>a</sup> MS Célia Dóris Becker, das Ciências da Comunicação da Unisinos. Confira uma entrevista que a professora concedeu sobre o tema na 105ª edição da IHU On-Line, de 14 de junho de 2005, disponível para download em <http://migre.me/QYmY>. Confira, também, a edição 274 da IHU On-Line, de 22-09-2008, intitulada *Josué de Castro e Graciliano Ramos. A desnaturalização da fome*, disponível para download em <http://migre.me/QYnR>. (Nota da IHU On-Line)

2 Heitor Villa-Lobos (1887-1959): compositor brasileiro. Aprendeu as primeiras lições de música com seu pai, Raul Villa-Lobos, funcionário da Biblioteca Nacional. Ele lhe ensinara a tocar violoncelo usando improvisadamente uma viola, devido ao tamanho de “Tuhu” (apelido de origem indígena que Villa-Lobos tinha na infância). Sozinho, aprendeu violão na adolescência, em meio às rodas de choro cariocas, às quais prestou tributo em sua série de obras mais importantes: *Os Choros*, escritas na década de 1920. (Nota da IHU On-Line)

3 Roberto da Matta (1936): antropólogo brasileiro, considerado um dos grandes nomes das Ciências Sociais brasileiras. É autor de diversas obras de referência na Antropologia, Sociologia e Ciência Política, como *Carnavais, Malandros e Heróis*, *A casa e a rua* ou *O que faz o Brasil, Brasil?*. Confira a entrevista que concedeu à edição 184 da Revista IHU On-Line, de 12-06-2006, intitulada *Ritual, drama e jogo*, disponível para download em <http://migre.me/QYuy>. (Nota da IHU On-Line)

a Copa do mundo não amenizou em nada essa situação.

**IHU On-Line - Quais são as articulações econômicas e diplomáticas que se fazem em torno do futebol? Existe uma visão política do futebol?**

**Édison Gastaldo** - Não vamos sobrevalorizar o futebol. Seu grande valor como fato social está no campo simbólico, no que ele significa para as pessoas. Como um instrumento de ação política, ele tem valor relativo. Coincidentemente, todo ano de eleição para presidente no Brasil é ano de Copa do Mundo. Todo ano vem algum jornalista me perguntar se a Copa é de propósito em ano de eleição e se ela influencia no resultado das votações. A resposta é sempre a mesma: não. A Copa do Mundo não influencia o resultado da eleição. É preciso relativizar o tal “poder” do futebol, que é de reunir uma audiência absurdamente grande em frente a uma tela de TV e de que, naquele momento, as pessoas se sentem mais brasileiras do que em qualquer outro. A política do futebol é um pouco pior do que a política normal. Na política normal, temos chance de votar a cada quatro anos. No futebol não temos chance de votar para nada. Os sócios de um clube têm uma participação ínfima na vida política de seus clubes. Os clubes de futebol no Brasil e a própria CBF são entidades fechadas em termos de participação política. Por mais que os torcedores que resolvam pagar para ser sócios dos seus clubes gostariam de influir nos destinos da instituição, eles não podem. Dentro de cada clube, de cada federação e de cada confederação, existem vários mecanismos de barreira para intervenção política. Não é por outro motivo que Ricardo Teixeira<sup>4</sup> está, há décadas, no comando do futebol brasileiro. Ninguém vai conseguir tirar ele de lá enquanto ele não quiser sair. Ricardo Teixeira é genro do João Havelange<sup>5</sup>,

que foi, durante 28 anos, presidente da FIFA e, antes do Ricardo Teixeira, era ele o presidente da Confederação Brasileira de Desportos - CBD. Tanto é pequena a participação política que o sujeito foi presidente por décadas da CBD, saiu diretamente para a presidência da FIFA e deixou no seu lugar o seu genro. Ou seja, é uma questão de família.

**IHU On-Line - Então podemos dizer que na política do futebol a democracia passa longe?**

**Édison Gastaldo** - Muito.

**IHU On-Line - Até o momento, qual sua avaliação da seleção de Dunga?**

**Édison Gastaldo** - Vimos pouco ainda. Cada jogo é um jogo, essa é a máxima do futebol. O primeiro jogo não serviu direito de parâmetro. É preciso pegar um time forte para vermos essa seleção jogando. A Coreia do Norte se colocou muito bem em campo. Considerando que estava enfrentando o Brasil, eles colocaram oito jogadores na defesa. Onde um jogador brasileiro estava, tinha sete ou oito coreanos em volta. Foi um congestionamento na área deles que impediu o Brasil de mostrar seu futebol. Não vi o time brasileiro jogar, por mérito da Coreia, que soube amarrar o jogo. Eles entraram para deixar o placar em zero a zero. Se o jogo terminasse assim, poderíamos ter dito que a Coreia venceu de zero a zero, porque eles entraram em campo para não deixar o Brasil fazer nenhum gol. Tanto é que o primeiro gol do Brasil foi sair quase na metade do segundo tempo, numa jogada pelo lado, que não entrou pelo meio, foi um chute que deveria ter sido um cruzamento em qualquer lógica do futebol. O goleiro estava no meio do gol esperando um cruzamento. Se fosse assim, a Coreia dominaria a bola e chutaria para fora da área. Como ele fez algo inesperado, surpreendeu a defesa da Coreia. Uma vez que abriu o placar, a Coreia teve que sair mais para o jogo, para empatar. E daí abriu espaço para o Brasil fazer o segundo gol. Foi um jogo atípico. Para saber do que o time do Brasil é capaz, precisamos vê-lo jogar contra um time grande.

4 Ricardo Terra Teixeira (1947): dirigente desportivo brasileiro, 18º presidente da Confederação Brasileira de Futebol, no cargo desde 16 de janeiro de 1989. Seu quinto mandato consecutivo terminou em 2007, mas foi prolongado, sob acordo, até o final da XX Copa do Mundo FIFA em 2014, que será no Brasil. (Nota da IHU On-Line)

5 Jean-Marie Faustin Goedefroid de Havelange (1916): dirigente desportivo brasileiro, sétimo presidente da FIFA de 1974 a 1998, sucedendo Sir Stanley Rous e teve como sucessor Joseph Blatter. Desde 1963 João Havelange é

membro do Comitê Olímpico Internacional. Em 1998 ele foi eleito Presidente de Honra da FIFA, sendo também presidente de honra do Fluminense Football Club. (Nota da IHU On-Line)

www.ihu.unisinos.br

## Brasil: país do futebol?

Fátima Ferreira Antunes defende que a experiência de assistir a uma “primeira Copa do Mundo” é vista como um marco na vida de um torcedor, uma experiência inicial de pertencimento a algo maior, que ultrapassa a família e a escola

POR GRAZIELA WOLFART

“H”oje está consolidada, no imaginário popular, a ideia de que o Brasil é o país do futebol, de que os jogadores brasileiros são os melhores do mundo e de que os brasileiros têm um dom praticamente ‘natural’ para esse esporte. Esse imaginário, no entanto, é resultado de um longo processo de construção, que passou pelo nacionalismo do período Vargas, pelo otimismo do pós-guerra e pela derrota de 1950, pelos títulos mundiais de 1958, 62 (que coincidiram com a euforia dos anos JK), pela Copa de 70 no contexto do milagre econômico, pela crise dos anos 1980, seguida de perto pelos 24 anos (entre 1970 e 1994) sem conquistar um novo título. Imaginário que está em permanente construção e reconstrução”. A análise é da socióloga Fátima Ferreira Antunes. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à IHU On-Line, ela explica que “o que caracterizaria o brasileiro, pensando em termos de futebol, seria, sobretudo, gostar de futebol. Jogar como um brasileiro é praticar o ‘jogo bonito’ ou o ‘futebol arte’, é enfrentar as dificuldades do jogo e da vida com ‘ginga’, ‘jogo de cintura’, e certa dose de ‘molecagem’, combinação de irreverência e alegria”.

Fátima Ferreira Antunes é doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo e socióloga do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria de Cultura de São Paulo. É autora do livro *Com brasileiro não há quem possa! Futebol e identidade nacional* (São Paulo: UNESP, 2004). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em que sentido o futebol influencia na formação da identidade nacional?**

**Fátima Ferreira Antunes** - No plano individual, o amor ao futebol costuma ser transmitido de pai para filho, de irmão para irmão, de tio para sobrinho. É quando se define a afinidade e a identidade por um determinado clube. O futebol desperta o sentimento de “nós contra os outros”. Essa identidade despertada leva ao reconhecimento do outro como um igual ou como um rival. Já a identificação com a seleção brasileira faz parte de outro momento. A experiência de assistir a uma “primeira Copa do Mundo” é vista como um marco na vida de um torcedor, uma experiência inicial de pertencimento a algo maior, que ultrapassa a família e a escola. É como se participássemos de um momento mágico: deixamos de ser botafogueses, palmeirenses ou atleticanos para

sermos, simplesmente, brasileiros.

**IHU On-Line - Qual a contribuição das ideias de José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues para identificar o futebol como um dos elementos mais importantes na construção do imaginário popular?**

**Fátima Ferreira Antunes** - Esses cronistas atentavam para a originalidade das manifestações populares em torno do futebol. Viam a paixão, a entrega, o sofrimento do torcedor e entendiam que tanto as derrotas quanto as vitórias tinham reflexos em outras esferas da vida. Os brasileiros eram o que eram dentro e fora de campo. O que estes cronistas fizeram foi difundir a ideia de que, ao ganhar autoconfiança por suas vitórias no futebol, o brasileiro também ficaria mais confiante em atuar em outras atividades. Observando-se a atuação dos jogadores em campo, tomando como exemplo a seleção brasileira, seria pos-

sível apontar os erros do brasileiro em geral e, a partir de sua conscientização, promover a superação desses erros.

**IHU On-Line - A partir do futebol, o que significa ser brasileiro?**

**Fátima Ferreira Antunes** - Há certas ideias que se tornaram senso comum. O que caracterizaria o brasileiro, pensando em termos de futebol, seria, sobretudo, gostar de futebol. Jogar como um brasileiro é praticar o “jogo bonito” ou o “futebol arte”, é enfrentar as dificuldades do jogo e da vida com “ginga”, “jogo de cintura”, e certa dose de “molecagem”, combinação de irreverência e alegria.

**IHU On-Line - O que caracteriza o discurso de José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues acerca do futebol?**

**Fátima Ferreira Antunes** - Tanto Nelson Rodrigues quanto o irmão Mário

<sup>1</sup> Nelson Falcão Rodrigues (1912-1980): dra-



Filho<sup>2</sup>, nas crônicas que publicaram em jornais e revistas nos anos 50, tentavam identificar as razões do insucesso brasileiro. Suas análises convergiam, entre outras coisas, para o “complexo de vira-latas” de que sofria o brasileiro de modo geral e, por extensão, a seleção brasileira. O “complexo de vira-latas”, para Nelson, nada mais era do que o complexo de inferioridade que o brasileiro sentia em relação a outras nacionalidades. Mário usava o termo “complexo de ser brasileiro”, mas com o mesmo sentido. Esse sentimento estaria associado ao fato do brasileiro ser um povo miscigenado e de se ver como uma “raça” indefinida. O sentimento de inferioridade se manifestava em momentos cruciais e nos fazia vacilar, nos deixava apáticos, como no jogo contra o Uruguai na Copa de 50. Mas os cronistas insistiram em mostrar o lado positivo da miscigenação. Viam em Garrincha<sup>3</sup> o exemplo máximo da novidade da experiência racial brasileira: da fusão do negro com o índio nascera um sujeito feio, torto e, no entanto, genial, único, no qual anteviam o sucesso da seleção antes da Copa de 58. Nelson também associava o “complexo de vira-latas” a um sentimento típico de povos subdesenvolvidos. Os termos desenvolvimento e subdesenvolvimento ocupavam lugar de destaque nas teorias econômicas em debate nos anos 50 e 60, décadas marcadas pela Guerra Fria e pela divisão das nações entre capitalistas e socialistas após a Segunda Guerra Mundial. José Lins do Rego<sup>4</sup> insistia na identificação do futebol como um importante fenômeno cultural. Assistindo a uma partida de

maturgo, jornalista e escritor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

2 Mário Rodrigues Filho (1908-1966): jornalista e escritor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

3 Manuel Francisco dos Santos (Mané Garrincha - 1933-1983): jogador de futebol que se notabilizou por seus dribles desconcertantes apesar do fato de ter suas pernas tortas. É considerado um dos maiores jogadores da história desse esporte em todos os tempos. Foi um dos heróis da conquista da Copa do Mundo de 1958 e, principalmente, da Copa do Mundo de 1962 quando, após a contusão de Pelé, se tornou o principal jogador do time brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

4 José Lins do Rego Cavalcanti (1901-1957): escritor brasileiro, autor de, entre outros *Riacho doce*. (Nota da IHU On-Line)

## “As Copas do Mundo se apresentavam como momentos especiais para os cronistas refletirem sobre o caráter nacional, sobre a identidade nacional”

futebol e acompanhando as diferentes reações dos jogadores em campo, conforme sua nacionalidade, seria possível captar o “retrato psicológico de um povo”.

**IHU On-Line - Como descrever o imaginário popular sobre o futebol hoje?**

**Fátima Ferreira Antunes** - Hoje está consolidada, no imaginário popular, a ideia de que o Brasil é o país do futebol, de que os jogadores brasileiros são os melhores do mundo e de que os brasileiros têm um dom praticamente “natural” para esse esporte. Esse imaginário, no entanto, é resultado de um longo processo de construção, que passou pelo nacionalismo do período Vargas<sup>5</sup>, pelo otimismo do pós-guerra

5 Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente República nos seguintes períodos: 1930-1934 (Governo Provisório), 1934-1937 (Governo Constitucional), 1937-1945 (Regime de Exceção), 1951-1954 (Governo eleito popularmente). Sobre Getúlio o IHU promoveu o Seminário Nacional *A Era Vargas em Questão - 1954-2004*, realizado de 23 a 25 de agosto de 2004. Paralela ao evento aconteceu a *Exposição Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlios*, no Espaço Cultural do IHU. A revista IHU On-Line publicou os seguintes materiais referentes a Vargas: edição 111, de 16-08-2004, intitulada *A Era Vargas em Questão - 1954-2004*, disponível em <http://migre.me/QYAi>, e a edição 112, de 23 -08-2004, chamada *Getúlio*, disponível em <http://migre.me/QYBn>. Na edição 114, de 06-09-2004, em <http://migre.me/QYCb>, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-08-2004 o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, apresentou o IHU *Ideias Getúlio, 50 anos depois*. O evento gerou a publicação do número 30 dos *Cadernos IHU Ideias*, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, também de autoria de Juremir, disponível em <http://migre.me/QYDR>. Vale destacar o *Cadernos IHU em formação* núme-

e pela derrota de 1950, pelos títulos mundiais de 1958, 62 (que coincidiram com a euforia dos anos JK<sup>6</sup>), pela Copa de 70 no contexto do milagre econômico, pela crise dos anos 1980, seguida de perto pelos 24 anos (entre 1970 e 1994) sem conquistar um novo título. Imaginário que está em permanente construção e reconstrução.

**IHU On-Line - Qual a principal contribuição dos textos desses escritores enquanto documentos históricos para o processo de construção da identidade nacional?**

**Fátima Ferreira Antunes** - As crônicas de futebol de Nelson Rodrigues, Mario Filho e José Lins do Rego, tomadas como documentos históricos, são importantes por registrarem a constituição de ideias sobre o Brasil e os brasileiros, as preocupações e os sentimentos mais candentes entre os anos 50 e 60. O Brasil tentava encontrar o seu lugar no cenário internacional. As Copas do Mundo se apresentavam como momentos especiais para os cronistas refletirem sobre o caráter nacional, sobre a identidade nacional. Nesses momentos, o sentimento de pertencimento a uma comunidade despertava de modo bem diferente.

**IHU On-Line - Qual a importância de revisitar o passado do futebol para verificar como ele ecoa no presente e traça elos entre o futebol atual e a brasilidade?**

**Fátima Ferreira Antunes** - A leitura dessas antigas crônicas nos permite desvendar a origem de certos sentimentos ou de modos de pensar o brasileiro ainda em formação. Descobre-se a origem de sentimentos e ideias que já estão consolidadas e o contexto e/ou circunstâncias em que foram geradas.

ro 1, publicado pelo IHU em 2004, intitulado *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*, disponível em <http://migre.me/QYEE>. (Nota da IHU On-Line)

6 Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976): médico e político brasileiro, conhecido como JK. Foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961, sendo o responsável pela construção de Brasília, a nova capital federal. Sobre JK, confira a edição 166, de 28-11-2005, *A imaginação no poder. JK, 50 anos depois*, disponível para download em <http://migre.me/qkeQ>. (Nota da IHU On-Line)



## “O Brasil não é tão poderoso quanto o futebol nacional”

Para o jornalista Nando Gross, o primeiro esporte nacional é o futebol, o segundo é aquele onde algum brasileiro tem chances de vitória

POR GRAZIELA WOLFART

**E**m entrevista concedida, por e-mail, para a IHU On-Line, o jornalista Nando Gross defende que o futebol contribui no sentido de dar a todos os brasileiros uma maior autoestima. “Quando a seleção brasileira está jogando, todos se envolvem, até mesmo quem não gosta de futebol. É um processo de união nacional em torno de uma causa. No dia-a-dia, o futebol é sempre motivo para um bom papo ou, infelizmente, para muitas brigas”. No entanto, ele alerta: “tentar utilizar o futebol para fins de ‘identidade nacional’ é sempre algo perigoso, cheira a manipulação e ‘fábrica de ilusões’. O Brasil não é tão poderoso quanto o futebol nacional”. E dispara: “no futebol valem os mesmos valores morais e éticos do que em qualquer outra ocasião”.

Luis Fernando Moretti Gross é formado em Jornalismo pela PUCRS e é comentarista esportivo da Rádio Gaúcha de Porto Alegre, RS. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - No seu blog, você deixa claro que o assunto preferido no Brasil é futebol. O que justifica a preferência, em geral, do brasileiro por esse esporte?**

**Nando Gross** - O futebol é o primeiro esporte de vários países, especialmente no continente europeu. Os brasileiros sempre foram apaixonados por futebol, mas isto aumentou na medida em que nossos jogadores conseguiram se impor nas copas de 1958 e 1962. O brasileiro torce por quem tem chances de vitória. Como, no futebol, somos o que existe de melhor, a popularidade aumenta ainda mais. Na Fórmula-1, quando temos alguém para realmente vencer, todos torcem euforicamente, não é por nada que Ayrton Senna<sup>1</sup> conquistou o coração de todos. Foi assim no tênis, com Guga<sup>2</sup>; no vôlei, desde que passamos a ter um time vence-

dor; na natação, mais recentemente com César Cielo<sup>3</sup>; enfim: o primeiro esporte nacional é o futebol, o segundo é aquele onde algum brasileiro tem chances de vitória.

**IHU On-Line - Como caracterizar a “paranoia Grenal”?**

**Nando Gross** - A rivalidade é saudável, a paranoia não. Os clubes perdem patrocinadores e dinheiro com isso. Quando um deles faz alguma promoção, é obrigado a convidar o rival, caso contrário, ninguém quer patrocinar, com medo de represálias. Sem falar no processo de “idiotização” que o fanatismo impõe em algumas pessoas, que passam a agir de forma agressiva e perdem por completo o “contato com a terra”. Vejo pessoas que se comportam, no ambiente do futebol, de uma forma como jamais fariam em outros ambientes. O termo paranoia já deixa claro o quanto isto é ruim.

**IHU On-Line - Qual a peculiaridade do futebol gaúcho atual? Como a cultura do povo gaúcho se relaciona com a forma do rio-grandenses viverem o futebol?**

**Nando Gross** - Os gaúchos curtem o futebol da mesma forma que todos os brasileiros, não há grandes diferenças. Podemos apenas salientar que, por termos um estado dividido pela paixão entre dois clubes, a rivalidade é maior porque é um contra o outro. Grêmio e Inter têm pouquíssimos jogadores nascidos no Rio Grande do Sul em seus elencos. O estilo gaúcho depende do treinador em questão e das características dos jogadores em atividade.

**IHU On-Line - Em uma entrevista recente, o ex-jogador Sócrates associou a condução de Dunga na seleção com o fato de ele ser gaúcho, e fez uma conexão entre o conservadorismo do time e as origens do técnico. Isso tem fundamento?**

**Nando Gross** - Pobre do filósofo Sócrates<sup>4</sup>, o ex-jogador nada tem em comum

1 Ayrton Senna da Silva (1960-1994): piloto brasileiro de Fórmula 1, três vezes campeão mundial, nos anos de 1988, 1990 e 1991. Foi também vice-campeão no controverso campeonato de 1989 e em 1993. Morreu em acidente no Autódromo Enzo e Dino Ferrari, em Imola, durante o Grande Prêmio de San Marino de 1994. (Nota da IHU On-Line)

2 Gustavo Kuerten (1976): conhecido como Guga, é um ex-tenista profissional brasileiro, considerado o maior nesse esporte da história do país. (Nota da IHU On-Line)

3 César Augusto Cielo Filho (1987): nadador brasileiro, campeão olímpico dos 50 metros livre nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, campeão e recordista mundial dos 100 metros livres e campeão mundial dos 50 metros livres em Roma, em 2009. Ganhou três medalhas de ouro e uma medalha de prata nos Jogos Panamericanos de 2007, no Rio de Janeiro. (Nota da IHU On-Line)

4 Sócrates (470 a. C. - 399 a. C. ): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. Sócrates não valorizava os prazeres dos sentidos, todavia escalava o belo entre as maiores virtudes, junto ao bom e ao justo. Dedicava-se ao parto

com ele. Teríamos de discutir o que é conservadorismo. Seriam conservadores os gaúchos que se insurgiram contra o império na Guerra dos Farrapos<sup>5</sup>, ou na campanha da legalidade, ou quando sediaram o Fórum Social Mundial<sup>6</sup> para combater a turma de Davos? Os gaúchos foram os primeiros a experimentar um governo do PT, e o primeiro estado a aceitar o atual presidente Lula. Mas toda generalização é burra, é um erro achar que todo o gaúcho é isto ou aquilo. Sócrates não faz a menor ideia do que disse, não saberia desenvolver o assunto. Até para criticar o técnico da seleção, ele se atrapalha com as palavras. Jogou bem futebol, mas ficamos por aí, não dá para levar muito a sério o que ele fala.

**IHU On-Line - Os gaúchos são os mais reacionários ou são vistos de maneira diferente pelos outros?**

**Nando Gross** - Os gaúchos são brasileiros como todos os demais, com suas características e estilos próprios de quem convive com o frio e na ponta do país. Porto Alegre é uma capital de vanguarda e não tem nada de reacionária. Os baianos são diferentes dos cariocas, que são diferentes dos paulistas, que são diferentes dos mineiros, que são diferentes dos baianos. O Brasil é um país continental, com diversas culturas, e, por isso, ele é tão fascinante.

**IHU On-Line - Em que medida o futebol contribui para a formação da identidade nacional?**

**Nando Gross** - Contribui no sentido

das ideias (Maiêutica) dos cidadãos de Atenas. O julgamento e a execução de Sócrates são eventos centrais da obra de Platão (*Apologia* e *Criton*). (Nota da IHU On-Line)

**5 Revolução Farroupilha:** Também conhecida como Guerra dos Farrapos. Conflito separatista ocorrido entre 1835 e 1845 na então Província do Rio Grande do Sul, alcançando a região de Santa Catarina, na região Sul do Brasil. À época do período regencial brasileiro, o termo farrapo era pejorativamente imputado aos liberais pelos conservadores (chimangos) e com o tempo adquiriu uma significação elogiosa, sendo adotado com orgulho pelos revolucionários, de forma semelhante à que ocorreu com os sans-culottes à época da Revolução Francesa. (Nota da IHU On-Line)

**6** Sobre o tema, confira a edição 129 da Revista IHU On-line, de 02-01-2005, intitulada *Fórum Social Mundial: indagações de um novo século*, disponível em [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

de dar a todos uma maior autoestima. Quando a seleção brasileira está jogando, todos se envolvem, até mesmo quem não gosta de futebol. É um processo de união nacional em torno de uma causa. No dia-a-dia, o futebol é sempre motivo para um bom papo ou, infelizmente, para muitas brigas. Mas ele contribui na medida do esporte, não é o fundamental. Tentar utilizar o futebol para fins de “identidade nacional” é sempre algo perigoso, cheira a manipulação e “fábrica de ilusões”. O Brasil não é tão poderoso quanto o futebol nacional.

**IHU On-Line - Podemos afirmar que o futebol contribui para determinar o caráter e a ação das pessoas?**

**Nando Gross** - Com certeza. Já achei que conhecia algumas pessoas, e, quando me deparei com elas envolvidas numa causa futebolística, fiquei surpreso. A paixão clubística leva pessoas de bem a agirem como verdadeiros animais muitas vezes. Já perdi alguns amigos simplesmente porque não tinha a mesma opinião que eles. O futebol passa às pessoas uma sensação de impunidade, tipo: no futebol vale tudo, é hora de extravasar. Não é assim, no futebol valem os mesmos valores morais e éticos do que em qualquer outra ocasião.

**IHU On-Line - Quais os desafios de ser comentarista no futebol gaúcho?**

**Nando Gross** - O maior desafio é a “paranoia” Gre-Nal. Qualquer opinião sua que desagrade um torcedor, o mais comum é se ouvir: está dizendo isso porque é gremista ou colorado. É sempre esta simplificação. Além disso, por termos apenas dois clubes de massa, o torcedor cobra que você fale sempre sobre este assunto. Na Gaúcha, comando o *Sala de Domingo*, programa de debates à uma hora da tarde. Costumamos sair da dupla e falar de futebol em geral. Sempre há quem reclame. Mas quem vai comentar futebol precisa ter a clara medida de que está se metendo em algo muito delicado. Criticar o time de alguém é como falar de um parente muito próximo, aquela história, você pode criticar seu filho ou sua mãe, mas não gosta que ninguém critique. Não é diferente no futebol, e é preciso saber lidar com isto.



# Orações Ilustradas.

Acesse em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## “Aqui, no Rio Grande do Sul, não existe amor pela seleção brasileira. Aqui se ama o Grêmio e se ama o Internacional”

Para o jornalista esportivo gaúcho Fabiano Baldasso, a rivalidade da dupla Gre-Nal deve ser preservada, sem clima amistoso entre Grêmio e Internacional. “Tem que ser cada um do seu lado, sem violência, mas de vez em quando com alguma provocação”, defende

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

“**S**omos um estado de dualidades: maragatos e chimangos, PT e anti-PT. Sempre fomos assim. Temos dois lados no Rio Grande do Sul. Ou estamos de um ou estamos de outro. No caso da dupla Gre-Nal, isso é absolutamente representativo. Dentro dessas dualidades importantes, a rivalidade da dupla Gre-Nal é a principal do Rio Grande do Sul. Aqui, no estado, ou se torce para Inter ou para Grêmio, e quem disser algo diferente disso está mentindo. (...) A maior rivalidade do futebol brasileiro certamente é a do futebol gaúcho”. A afirmação é do jornalista esportivo gaúcho Fabiano Baldasso, na entrevista que concedeu, por telefone, à **IHU On-Line**. Ele confessa que tem “muito orgulho de ser jornalista esportivo no Rio Grande do Sul. Pelo que é a dupla Gre-Nal e pelas suas conquistas, e, especialmente, pela própria característica da imprensa gaúcha, que é forte, que cobra bastante, e tem a ver com a forte rivalidade que temos aqui”.

Repórter e apresentador, graduado em Jornalismo pela Unisinos, Fabiano Baldasso é jornalista esportivo da Band/RS desde 2009. Na Rádio Bandeirantes, apresenta os programas “Atualidades Esportivas” e “Jogo Aberto”, e é coordenador de esportes. Na TV, participa do “Jogo Aberto RS”. Antes, trabalhou na Rádio Gaúcha, onde ingressou, em 1996, como estagiário e, dois anos depois, passou a repórter, além de apresentar os programas “Sábado Esporte” e “Pré-Jornada”. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual a peculiaridade do futebol gaúcho atual? Como a cultura do povo gaúcho se relaciona com sua forma de viver o futebol?**

**Fabiano Baldasso** - Para caracterizar diferenças do futebol gaúcho em relação a, por exemplo, o futebol que é praticado no resto do país, não só no que acontece dentro do campo, mas na sua organização, temos que estabelecer algumas ressalvas. Não sou daqueles que acha que, no Rio Grande do Sul, se faz um futebol totalmente diferente de outras regiões do país. É um pouco de presunção do gaúcho pensar dessa forma. O Inter e o Grêmio precisam de bons jogadores para executar um bom futebol, como qualquer outro time. No Rio Grande do Sul, temos uma paixão maior pelos nossos clubes. Basta ver que, até mesmo em período de

Copa do Mundo, a atenção dos torcedores do estado continua muito mais voltada para o Grêmio e para o Internacional do que propriamente para a seleção. Isso é uma particularidade e uma diferença que aumenta a responsabilidade da dupla Gre-Nal. Aquela discussão de que o futebol gaúcho é mais aguerrido se perdeu um pouco com o tempo. Temos grandes times que foram vencedores, que eram times bem organizados, com bons jogadores. Basta ver que um dos jogadores mais habilidosos surgidos no Brasil nos últimos 30 anos - que não tem nada a ver com pancadaria, com raça, mas tem a ver com qualidade - é Ronaldinho Gaúcho<sup>1</sup>. Então, as particularida-

<sup>1</sup> Ronaldo de Assis Moreira (Ronaldinho Gaúcho ou Ronaldinho - 1980): futebolista brasileiro que atua como meia-atacante. Atualmente, joga pelo Milan. (Nota da IHU On-Line)

des do futebol gaúcho são restritivas.

**IHU On-Line - Quais os principais pontos que marcam a trajetória histórica do futebol gaúcho?**

**Fabiano Baldasso** - Existem vários pontos importantes na história do futebol gaúcho que o tornam especial. Não cito apenas a dupla Gre-Nal. Se fizermos uma recuperação histórica, veremos que o Cruzeiro de Porto Alegre, que subiu para a primeira divisão esta semana, sendo um time que fez uma excursão na década de 50 pela Europa e empatou com o Real Madrid, teremos um confronto absolutamente emblemático em 1972, no Beira Rio, em que a seleção brasileira empatou com a seleção gaúcha em 3 x 3, com o estádio lotado, e todos curiosamente não estavam torcendo para a seleção brasileira, e sim para a seleção gaúcha. Tanto que esta estava encami-



nhando uma vitória e foi feito um acordo no intervalo para que a seleção gaúcha deixasse empatar o jogo. Esse é um momento emblemático no que diz respeito à nossa paixão pelo futebol no Rio Grande do Sul. E daí temos a história de títulos da dupla Gre-Nal. Temos o Internacional “conquistando” o Brasil em 1975, a primeira conquista de maior expressão no futebol gaúcho; tem o título invicto do Inter em 1979, no campeonato brasileiro, que nunca mais, certamente, vai se repetir; tem o Grêmio conquistando o mundo em 1983, e isso abriu para o futebol gaúcho e brasileiro uma força maior na própria Libertadores da América, tanto que o Internacional lutou muito nos anos seguintes para conquistar essa Libertadores, que só veio conquistar em 2006; tem o time do Felipão<sup>2</sup>, do Grêmio de 1995, que era tido por muitos como um time violento, mas que, na verdade, era um time de muita qualidade e só por isso foi campeão das competições em que participou. Temos figuras do futebol gaúcho que são emblemáticas, como o Ronaldinho Gaúcho, o Falcão<sup>3</sup>, que inclusive não é gaúcho, é catarinense, mas é representativo do futebol gaúcho como um jogador de absoluta *finesse* no futebol, que jogava de cabeça erguida e é tido como exemplo por muitos até hoje.

**IHU On-Line - Como definir a rivalidade entre Grêmio e Internacional? O que caracteriza esse duelo futebolístico e como isso acaba passando para outros setores da sociedade, que transcendem o cenário esportivo?**

2 Luiz Felipe Scolari (1948): mais conhecido como Felipão, é um ex-futebolista e treinador brasileiro que atuou como zagueiro. Atualmente é treinador do Palmeiras. Foi campeão do mundo de futebol como técnico da Seleção Brasileira em 2002 na Copa do Mundo do Japão e Coreia do Sul. (Nota da IHU On-Line)

3 Paulo Roberto Falcão (1953): ex-futebolista brasileiro. Jogou no meio-campo do Internacional de Porto Alegre na década de 1970; era, tecnicamente, um volante, mas jogava avançado e marcou muitos gols, comandando o Internacional na campanha das conquistas do campeonato brasileiro de 1975-1976 e 1979, além de ter ganho cinco estaduais (1973, 1974, 1975, 1976 e 1978). Jogador de técnica brilhante e de estilo clássico e elegante, é considerado até hoje um dos maiores ídolos da história do clube. Atua como comentarista esportivo da Rede Globo e na Rádio Gaúcha, num programa semanal de entrevistas, além de ser comentarista esportivo no canal fechado Sportv. (Nota da IHU On-Line)

## “Ser brasileiro e ser amante do futebol são coisas que se confundem pelo que significa o futebol para nossa nação”

**Fabiano Baldasso** - Totalmente transcende o cenário esportivo. Somos um estado de dualidades: maragatos e chimangos, PT e anti-PT. Sempre fomos assim. Temos dois lados no Rio Grande do Sul. Ou estamos de um ou estamos de outro. No caso da dupla Gre-Nal, isso é absolutamente representativo. Dentro dessas dualidades importantes, a rivalidade da dupla Gre-Nal é a principal do Rio Grande do Sul. Aqui, no estado, ou se torce para Inter ou para Grêmio, e quem disser algo diferente disso está mentindo. Existem vários jornalistas esportivos que dizem torcer para o Cruzeiro ou que nunca tiveram time. Que nada. Todos, um dia, tiveram time, todos, um dia, torceram para o Inter ou para o Grêmio. Tanto que, aqui no estado, qualquer jornalista esportivo que frequenta estádio de futebol decidir abrir o time para o qual torce não consegue mais trabalhar do outro lado. Isso só nós temos. A maior rivalidade do futebol brasileiro certamente é a do futebol gaúcho. Temos outros estados com a dualidade, mas não é uma rivalidade tão forte. Por exemplo, em Minas Gerais, temos o Atlético Mineiro e o Cruzeiro, que são duas grandes equipes, os dois maiores clubes do estado. Mas, esses tempos, um deles ganhou de cinco a zero do outro e foi tratado como um resultado expressivo, mas, no outro dia, estava esquecido. Aqui, no Rio Grande do Sul, se dá cinco a zero para o Inter ou para o Grêmio num clássico Gre-Nal, no outro dia, cai a direção, cai o técnico e caem os jogadores do time que perdeu; acontece uma hecatombe no Rio Grande do Sul. A rivalidade da dupla Gre-Nal deve ser preservada. E aqui não falo de violência. Porque nós temos alguns setores de torcidas organizadas que acham que

rivalidade é isso, e não é. Mas também acho que não se deve ter um clima absolutamente amistoso entre Grêmio e Internacional. Tem que ser cada um do seu lado, sem violência, mas, de vez em quando, com alguma provocação. Essa história de que o Grêmio está decidindo um campeonato, então eu que sou colorado vou torcer para o Grêmio porque é o futebol do Rio Grande do Sul é algo que não existe, e quando existir aqui no estado acaba a rivalidade.

**IHU On-Line - Quais as principais marcas deixadas em você nas coberturas de tantos Gre-Nais?**

**Fabiano Baldasso** - Existem várias. Sou jornalista esportivo desde 1996. Sem dúvida, a primeira principal marca de um clássico Gre-Nal que eu cobri foi o jogo dos cinco a dois, em 1997, em que o Internacional venceu o Grêmio por uma goleada no estádio Olímpico. Existem outros Gre-Nais importantes, em que o Grêmio ganhou. Lembro de uma sequência forte do Internacional de vitórias em clássicos. No ano de 2003, em que o Grêmio corria o risco de cair para a segunda divisão, e o Inter tinha um time fantástico naquele ano, e o Grêmio conseguiu vencer o clássico Gre-Nal com gol do Christian. Foi um momento emblemático, mostrando que, no Gre-Nal, as forças se igualam. Já estive em coberturas de títulos importantes da dupla Gre-Nal e que foram marcantes, como a conquista do Grêmio da Copa do Brasil de 1997, ou do Internacional na Libertadores e no Mundial de 2006. Tenho muito orgulho de ser jornalista esportivo no Rio Grande do Sul. Pelo que é a dupla Gre-Nal e pelas suas conquistas, e especialmente pela própria característica da imprensa gaúcha, que é forte, que cobra bastante, e tem a ver com a forte rivalidade que temos aqui.

**IHU On-Line - Como entender a paixão do brasileiro pelo futebol?**

**Fabiano Baldasso** - É porque gostar de futebol é de graça. Assistir futebol não é. Mas bater uma bola com os amigos é de graça. O povo brasileiro, que sempre foi sofrido, teve uma espécie de escape no esporte. E o nosso esporte foi o futebol desde sempre. Os ingleses que inven-

taram o futebol não o amam tanto quanto o brasileiro. Isso acabou se tornando uma bola de neve, porque foram surgindo grandes jogadores, que serviram de exemplo para crianças, que quiseram se tornar grandes jogadores também e, com isso, temos uma renovação interminável no futebol brasileiro. E como conquistamos títulos importantes em nível internacional, nosso futebol continua sendo exemplo para essa meninada que segue apaixonada pelo esporte. Ser brasileiro e ser amante do futebol são coisas que se confundem pelo que significa o futebol para nossa nação.

**IHU On-Line - Em que medida o futebol contribui para a formação da identidade nacional?**

**Fabiano Baldasso** - Totalmente. Lembro que, em 1994, foi feita uma pesquisa sobre a felicidade do povo brasileiro. Depois de vários anos em que o brasileiro não se colocava como um povo feliz, naquele ano de 1994, em que o Brasil tinha reconquistado o título mundial com a Copa do Mundo, o brasileiro se considerou um povo feliz. Se o futebol tem a capacidade de fazer com que qualquer brasileiro, de qualquer canto do país, possa dizer “neste ano eu fui feliz porque a minha seleção foi campeã do mundo”, ele já se justifica. Aí alguém pode dizer que isso é para fugir dos problemas, é um escape. Isso não me interessa. Se a pessoa se considera feliz por causa do futebol é porque o futebol já se justifica por isso. Outra coisa: futebol é uma fonte de empregos. Quantas pessoas, no Brasil, são envolvidas com futebol? Temos aquela imagem da meia dúzia de jogadores dos grandes clubes que ganham R\$ 200 mil ou R\$ 300 mil. Mas quantos salários mínimos ganham muitos e muitos jogadores de futebol por qualquer canto do país e se sustentam pelo futebol? E não é só o jogador. É o cara que cuida do gramado, é o que cuida das finanças do clube. Em todos os cantos, existe alguém envolvido com o futebol, ganhando dinheiro com o esporte e, muitas vezes, sustentando-se com ele. O futebol é refletido em todo e qualquer canto deste país, em toda e qualquer sociedade, seja a mais pobre, a classe média, ou a rica.

**“O futebol é refletido em todo e qualquer canto deste país, em toda e qualquer sociedade, seja a mais pobre, a classe média, ou a rica”**

**IHU On-Line - Quais as principais diferenças na relação do torcedor brasileiro com a seleção (principalmente agora, em época de Copa do Mundo) e com seus times do coração?**

**Fabiano Baldasso** - Temos algo, no Rio Grande do Sul, que está embutido na cabeça de muitas pessoas - eu até nem concordo com isso - que é a história da República do Pampa. Existe um sentimento, aqui no estado, de que nós somos diferentes do resto do Brasil, que somos uma pátria diferente dentro de outra pátria, por isso, a relação com a seleção brasileira é complementemente diferente do resto do país. Aqui, no Rio Grande do Sul, não existe amor pela seleção brasileira. Aqui se ama o Grêmio ou se ama o Internacional. É possível que a maioria torça, de alguma forma, para a seleção durante a Copa do Mundo, mas também é possível que muitos não torçam para a seleção brasileira, ou até “sequem” a seleção por considerarem que o Grêmio e o Internacional são muito mais importantes. E, no resto do país, vamos percebendo algumas diferenças. Por exemplo, no Rio de Janeiro, neste momento, em meio à Copa do Mundo, há ruas fechadas, pintadas de verde e amarelo, com as pessoas parando para torcer para a seleção brasileira. No nordeste, acontece da mesma forma. Quanto mais para o sul se chega, isso vai diminuindo. Mas também, em Santa Catarina e Paraná, se torce bastante para a seleção brasileira. Agora, no Rio Grande do Sul, se torce pouco.

**IHU On-Line - Qual sua avaliação de Dunga na condução da seleção brasileira?**

**Fabiano Baldasso** - Eu sou gaúcho, e o Dunga<sup>4</sup> não está me representando na seleção brasileira. Porque se ser gaúcho é ser mal-educado, eu não quero ser representando dessa forma. Dunga tem algumas coisas positivas e muitas coisas negativas no comando técnico da seleção brasileira. E estou falando isso em meio a uma Copa do Mundo, em que ele pode ser campeão. Não vou mudar minha opinião nem se ele for campeão do mundo. Vejo no Dunga um técnico inexperiente, que está fazendo um trabalho de razoável para bom e que está buscando o título. Dunga não entende que existem algumas situações na vida em que precisamos ser políticos. Ele não tem essa intenção e considera uma qualidade não ser político. Eu considero um defeito. Quem é técnico da seleção brasileira, no momento em que está dando uma entrevista, como treinador, deixa de ser simplesmente um profissional de futebol. Ele passa a ser o embaixador do Brasil no planeta Terra. E isso Dunga não conseguiu entender. Essa briga do Dunga com a imprensa não serve para ele e fica feio, porque se foi o tempo em que o Dunga apenas ficava bravo quando sofria críticas que considerava injustas. Dunga simplesmente abriu uma guerra contra a imprensa. E o torcedor não quer saber disso. Ele está pouco preocupado se Dunga está prejudicando a imprensa ou vice-versa. Ele extrapolou todos os limites. Foi mal-educado, grosseiro, desrespeitou a figura dos jornalistas. Ele não estava preparado para ser técnico da seleção brasileira justamente por não estar preparado para sofrer pressão. Técnico da seleção brasileira vai sofrer pressão e ser criticado 24 horas por dia. Se não estiver preparado para isso, vai fazer outra coisa na vida: vai ser caixa de banco, que é uma profissão admirável, mas que não sofre pressão nenhuma. Acho que o Dunga podia pensar nisso para a sequência.

<sup>4</sup> Carlos Caetano Bledorn Verri (Dunga - 1963): treinador e ex-futebolista brasileiro que atuava como volante. Atualmente, dirige a Seleção Brasileira. Como jogador, sua maior conquista foi a Copa do Mundo de 1994, disputada nos Estados Unidos, sendo o capitão da equipe. Como treinador, teve sua nomeação para ser o técnico do Brasil em 24 de julho de 2006, conquistando até então a Copa América de 2007 e a Copa das Confederações de 2009. (Nota da IHU On-Line)

## “Jogadores excepcionais tendem a fazer jogadas brasileiras”

Para Ronaldo Helal, o Brasil ainda é o país do futebol, mas outras coisas no país também estão dando certo

POR GRAZIELA WOLFART, MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

Com a globalização, o professor Ronaldo Helal considera que a relação do brasileiro com a seleção brasileira mudou. “Essa relação ainda é forte, mas é menor do que há 30 anos. Se você perguntar para os torcedores se eles torcem mais para seus times locais ou para a seleção brasileira, a pesquisa irá tender para os times locais. Essa mudança se deve à globalização, ao fato de muitos jogadores brasileiros jogarem na Europa”, explica. Na entrevista que concedeu, por telefone, à IHU On-Line, Helal acrescenta que “hoje também existe o fenômeno da desterritorialização do ídolo. Jogadores muito jovens saem do Brasil muito cedo (...) e ficam pouco tempo nos seus clubes. Então, forma-se uma seleção com pouca identificação. Antigamente, era possível identificar a que time cada jogador estava vinculado. Hoje, isso não existe mais”. Para Ronaldo Helal, é muito perigosa a equação miséria = grande futebol. “Se você me convencer que o grande futebol nasce da miséria, eu iria preferir que o Brasil não tivesse grande futebol e nem miseráveis. Há uma falácia nessa questão que as pessoas não percebem, nem o jornalista, porque, se você estender esse argumento, acaba defendendo a pobreza”.

Ronaldo Helal é professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ e autor de *Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil* (Petrópolis: Vozes, 1997) e *A Invenção do País do Futebol: Mídia, Raça e Idolatria* (Rio de Janeiro: Mauad, 2001). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é o nexó que une mídia, raça e idolatria na perspectiva do futebol?**

**Ronaldo Helal** - Houve um momento, na história do Brasil, em que não havia uma identidade nacional definida. Começou-se a tentar buscar uma identidade nacional, primeiro, em 1922, com a Semana de Arte Moderna<sup>1</sup>, em São Paulo, e, depois, a partir da década de 1930, com o nacionalismo de Getúlio Vargas, o Estado Novo, o projeto integracionista deste governo, e com novas

formas de conceituar o país a partir da obra de Gilberto Freyre<sup>2</sup>, *Casa Grande e Senzala*, e de Sérgio Buarque de Holanda<sup>3</sup>, *Raízes do Brasil*. Até a década

de 1930, tínhamos uma maneira de conceituar o país pelas lentes de um pensador como Oliveira Viana<sup>4</sup>, ou Nina Rodrigues<sup>5</sup>, que era uma maneira que via a mistura racial do Brasil como algo negativo, que poderia explicar o “atra-

1 **Semana de Arte Moderna**: também chamada de Semana de 22, ocorreu em São Paulo nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro daquele ano, no Teatro Municipal. Representou uma verdadeira renovação de linguagem, na busca de experimentação, na liberdade criadora da ruptura com o passado e até corporal, pois a arte passou então da vanguarda para o modernismo. Participaram da Semana nomes consagrados do modernismo brasileiro, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Víctor Brecheret, Plínio Salgado, Anita Malfatti, Menotti Del Pichia, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Heitor Villa-Lobos, Tarsila do Amaral, Tático de Almeida, Di Cavalcanti entre outros. (Nota da IHU On-Line)

2 **Gilberto Freyre** (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA) e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Ainda recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Münster (Alemanha) e da Universidade Católica de Pernambuco. Sua produção literária é muito importante. Entre seus livros, citamos: *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. O Prof. Dr. Mário Maestri, do PPG em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), apresentou o segundo livro na programação do II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido no dia 15-04-2004, pelo IHU. Sua palestra originou o artigo publicado no *Cadernos IHU* número 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*, disponível para download em <http://migre.me/NKWS>. (Nota da IHU On-Line)

3 **Sérgio Buarque de Holanda** (1902-1982): historiador brasileiro, também crítico literário

e jornalista. Entre outros, escreveu *Raízes do Brasil*, de 1936. Obteve notoriedade através do conceito de “homem cordial”, examinado nessa obra. A professora Dr.<sup>a</sup> Eliane Fleck, do PPG em História da Unisinos, apresentou, no evento IHU ideias de 22-08-2002, o tema “O homem cordial: Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda” e, no dia 8-05-2003, a professora apresentou essa mesma obra no *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista à IHU On-Line, publicada na edição nº 58, de 5-05-2003, disponível em <http://migre.me/NM6x>. Sobre Sérgio Buarque de Holanda, confira, ainda, a edição 205 da IHU On-Line, de 20-11-2006, intitulada *Raízes do Brasil*, disponível para download em <http://migre.me/NM6Q>. (Nota da IHU On-Line)

4 **Francisco José de Oliveira Viana** (1883-1951): professor, jurista, historiador e sociólogo brasileiro, imortal da Academia Brasileira de Letras. (Nota da IHU On-Line)

5 **Raimundo Nina Rodrigues** (1862-1906): médico legista, psiquiatra, professor e antropólogo brasileiro. (Nota da IHU On-Line)



so” do país. A partir da década de 1930, principalmente com a obra de Freyre, a mistura passa a ser um valor positivo. Onde entra a mídia e o futebol? Nesse momento, o jornalista Mário Filho, que pode ser considerado o fundador do jornalismo esportivo no Brasil, começa a perceber que o futebol seria um veículo interessante para se construir uma ideia de nação brasileira. Ele era amigo de Gilberto Freyre, o que facilitou muito seu trabalho. Então, nas suas crônicas esportivas, Mário Filho começa a louvar a abertura racial, com um estilo que mostrava o brasileiro como fruto dessa mistura. Em 1938, durante a copa do mundo, Gilberto Freyre, que também era jornalista e escrevia uma coluna no Diário de Pernambuco, escreveu um artigo chamado “Football mulato”, em que ele lança as bases para a simbologia do futebol brasileiro. E Mário Filho, nessa esteira, escreve, em 1947, *O Negro no Futebol Brasileiro* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964), com o prefácio de Gilberto Freyre. Esse é um livro que trata da saga do negro no futebol brasileiro, mostrando o negro como fundador desse estilo que seria único do Brasil. Essa foi uma construção simbólica que teve muita eficácia. Os brasileiros até muito recentemente, e alguns até hoje, acreditam que somos os únicos a praticar um determinado estilo de futebol, e que esse estilo teria sido o resultado da mistura de raças.

**IHU On-Line - Quais as relações que podemos perceber entre o futebol e uma projeção do torcedor em seus ídolos? O craque é o brasileiro que deu certo?**

**Ronaldo Helal** - O craque é um indivíduo extremamente talentoso e é impossível explicar o seu talento. Para chegar ao estrelato, os jogadores renunciam várias coisas. Há um glamour na garotada que quer ser jogador de futebol, e eles acham que jogadores são milionários, têm várias mulheres e carros importados do ano. Esses são pouquíssimos. Muitas famílias pobres colocam em seus filhos essa ideia de que basta ser jogador de futebol para tirar a família da miséria. O craque acaba sendo o modelo, a idolatria. Há uma tensão que é básica da cultura de massa. É essa tensão entre a

## “No Brasil, a maioria dos jogadores vem de camadas mais pobres, mas é uma falácia pensar que o bom futebol só surge dali”

massificação crescente, que a pós-modernidade enfatiza, e o desejo das pessoas de ser singular. Então, só existem os famosos porque existem os anônimos. O ídolo é uma pessoa singular por natureza porque ele tem um dom extraordinário. O fã, para não ser mais um no meio da multidão, quer ser o fã número 1. Ele tem essa necessidade de se singularizar dos demais. Se o craque é um exemplo do Brasil que deu certo, não sei. Penso que o país também tem dado certo em outros aspectos. Se observarmos a maneira como o brasileiro vivenciou a derrota da Copa do Mundo de 50, no Maracanã, e a maneira como ele comemorou a Copa de 70, no México, e se compararmos com as vitórias do Brasil em 94, nos EUA, e em 2002, na Coreia e Japão, e a derrota da final para a França, em 98, temos uma diferença. Nas décadas de 50 e 70, essas derrotas transcenderam o universo esportivo e foram vividas como derrota e vitória de um projeto de nação brasileira. Quando, em 1994 e 2002, o Brasil venceu, e, em 1998, o Brasil perdeu, as vitórias e derrotas foram celebradas no campo esportivo. Isso porque, naquele momento, se vivia uma época de consolidação dos estados/nações no mundo todo. A globalização fala em fragmentação de identidades, desterritorialização do ídolo. Desde 1994, o cenário brasileiro está mudando e, há 16 anos, temos estabilidade econômica. O país está assumindo cada vez mais uma posição de liderança na América Latina. A construção do Brasil - país do futebol foi exitosa e com eficácia simbólica muito grande para jornalistas como Mário Filho, Nelson Rodrigues e outros. O Brasil ainda é o país do futebol, mas outras coisas no país também estão dando certo.

**IHU On-Line - Como podemos com-**

preender que um número expressivo de atletas seja originário de camadas populares? A partir disso, é possível pensarmos no futebol como uma experiência de igualdade e justiça social?

**Ronaldo Helal** - Ele é visto como uma via de acesso para os mais desfavorecidos. O Kaká é de classe média, mas, em geral, jovens de classe média, mesmo com talento, não querem passar por provações para seguir a carreira de jogador de futebol. No Brasil, a maioria dos jogadores vem de camadas mais pobres, mas é uma falácia pensar que o bom futebol só surge dali. Temos muito mais pobres do que ricos. Então, dos jovens pobres que foram jogadores de futebol, outros milhares que também foram jogadores continuam pobres, desempregados, ou com empregos subalternos. A mídia enfatiza muito a origem do ídolo, e mostra seu berço pobre. Isso não é mentira, mas ninguém questiona que outros meninos ficaram ali. E, mais, quando um jogador brasileiro faz um gol bonito, o Galvão Bueno fala: “Esse é um gol tipicamente brasileiro, que saiu das favelas do Brasil e das misérias brasileiras”. É muito perigosa essa equação miséria = grande futebol. Se você me convencer que o grande futebol nasce da miséria, eu iria preferir que o Brasil não tivesse grande futebol e nem miseráveis. Há uma falácia nessa questão que as pessoas não percebem, nem o jornalista, porque, se você estender esse argumento, acaba defendendo a pobreza.

**IHU On-Line - O que define o futebol brasileiro hoje em relação aos demais países do mundo?**

**Ronaldo Helal** - Grandes jogadores de futebol, de qualquer país do mundo, têm um estilo parecido. Jogadores excepcionais tendem a fazer jogadas brasileiras. Isso é próprio do esporte. O Brasil produz jogadores mais excepcionais porque tem mais jogadores federados. Digo que o país é capaz de montar três seleções brasileiras em condições de vencer a copa do mundo. Mas se fosse uma “Copa do Mundo Tabajara”, o Brasil também teria condições de ganhar o título taba-



jara. Se observarmos o Zidane<sup>6</sup>, o Zico<sup>7</sup> e os melhores jogadores da Copa de 54, veremos que eles fazem coisas semelhantes. Houve, no caso brasileiro, um período, de 50 a 70, em que produzimos seleções fantásticas e jogadores maravilhosos: Pelé<sup>8</sup>, Garrincha, Paulo César. Nesse momento, ratificou-se a confusão que Mário Filho fazia de que o futebol brasileiro era único, um futebol estético, uma dança dionisiaca, como dizia Gilberto Freyre. Isso é eficaz. Eu trabalho com a eficácia simbólica. Essa crença existe. Empiricamente, não é possível comprar isso. As pessoas mais velhas, que viram a seleção na Copa de 54, irão dizer que ela tinha um estilo brasileiro. É interessante de ver que esse mito é tão premente, que os próprios argentinos, que têm uma posição simbólica parecida com a nossa, dizem que o futebol argentino é fundado

6 Zinédine Yazid Zidane (1972): ex-jogador de futebol francês, de origem argelina, que atuava como meia. É tido como um dos melhores jogadores da história do futebol mundial, sendo frequentemente comparado a seu compatriota Michel Platini. Durante sua carreira, defendeu equipes como Juventus e Real Madrid, estando presente também, na fase mais vitoriosa da história da seleção francesa, que conquistou uma inédita Copa do Mundo e o segundo título da Eurocopa de sua história. Atualmente, além de participar de partidas beneficentes, Zidane é embaixador da ONU na luta contra a fome. (Nota da IHU On-Line)

7 Arthur Antunes Coimbra (Zico - 1953): treinador e ex-futebolista brasileiro que atuava como meia. Atualmente é diretor de futebol do Flamengo. Notabilizou-se como o carismático líder da vitoriosa trajetória do Flamengo nas décadas de 1970 e 1980, com ápice nas conquistas da Taça Libertadores da América e do Campeonato Mundial de Clubes pela equipe carioca, além de quatro títulos no Campeonato Brasileiro e de suas participações pela Seleção Brasileira nas Copas Argentina 1978, Espanha 1982 e México 1986. É considerado por muitos especialistas, profissionais do esporte e, em especial, pelos torcedores do Flamengo, o maior jogador brasileiro da história do clube e o maior futebolista brasileiro desde Pelé. Não são poucos, também, os que o consideram como o melhor jogador de futebol dos anos 1980, sendo chamado frequentemente no exterior de "Pelé Branco". (Nota da IHU On-Line)

8 Edison Arantes do Nascimento (Pelé - 1940): ex-futebolista brasileiro que atuava como atacante. É considerado por muitos como o maior jogador da história do futebol. Recebeu o título de Atleta do Século de todos os esportes em 15 de maio de 1981, eleito pelo jornal francês L'Equipe. No fim de 1999, o Comitê Olímpico Internacional, após uma votação internacional entre todos os Comitês Olímpicos Nacionais associados, também elegeu Pelé o "Atleta do Século". A FIFA também o elegeu, em 2000, numa votação feita por renomados ex- atletas e ex-treinadores como o Jogador de Futebol do Século XX. (Nota da IHU On-Line)

## “Os jogadores são tão geniais, que o técnico pode dar a tática, mas eles vão continuar fazendo jogadas geniais”

no futebol arte em contraposição ao futebol inglês, que seria o futebol de força. Só que os argentinos têm uma visão de que os brasileiros são os profissionais do jogo bonito. Isso ocorreu por conta da Copa de 70. Aquela seleção era emblemática para o mundo inteiro como o modelo de como jogar futebol. Era uma seleção talentosa, mas poucas pessoas lembram que era uma seleção muito bem treinada e que ficou dois meses em Guadalajara para poder se adaptar à altitude. Então, a seleção não tinha apenas talento. Para o talento poder fluir, naquele momento, foi necessária uma infraestrutura que contava com psicólogos, nutricionistas e outros profissionais. De lá para cá, ficou complicado falar em estilo. Se o Messi<sup>9</sup> fosse brasileiro, diriam que ele teria um estilo brasileiro. Quando a seleção brasileira está presente é que surge essa discussão do estilo. Mas esse é um debate mais da região sudeste. Sinto que no sul a questão da raça e da garra são mais valorizadas do que as questões de estética. Nos campeonatos locais ou brasileiros, ninguém está interessado nessa discussão. Num dado momento em que o Santos aparece com jogadores fantásticos como o Robinho e Neymar, fala-se em estilo. Se, de todos os times brasileiros, apenas o Santos faz futebol arte, pergunto: ele é a regra ou a exceção? O mesmo técnico que está no Santos hoje, esteve no Vasco. Por que ele não fez o Vasco jogar da mesma maneira? Porque não tinha o material humano que tem o Santos. Os jogadores são tão geniais, que o técnico pode dar a tática, mas eles vão continuar fazendo jogadas geniais.

9 Lionel Andrés Messi (1987): futebolista argentino que atua como meia-atacante. Atualmente, joga pelo Barcelona. Tem sido cada vez mais frequentes as comparações dele a Maradona, não só pela forma explosiva de jogar, mas também pelos gols. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Antes o futebol não tinha a dimensão global. O que muda no futebol a partir dessa perspectiva globalizada do esporte?

Ronaldo Helal - Penso que mudou a relação do brasileiro com a seleção brasileira. Essa relação ainda é forte, mas é menor do que há 30 anos. Se você perguntar para os torcedores se eles torcem mais para seus times locais ou para a seleção brasileira, a pesquisa irá tender para os times locais. Essa mudança se deve à globalização, ao fato de muitos jogadores brasileiros jogarem na Europa. Nesse sentido, jovens acompanham o campeonato espanhol e italiano e, por meio da Internet, os torcedores conhecem o perfil e a história de todos os jogadores. Hoje também existe o fenômeno da desterritorialização do ídolo. Jogadores muito jovens saem do Brasil muito cedo. O exemplo do Messi é o mais absurdo: ele saiu da Argentina com 13 anos para jogar na Espanha. Os argentinos já estão questionando se ele é argentino ou espanhol, e ele respondeu que é argentino. Como ele não joga bem na seleção argentina, os torcedores dizem que ele não é argentino. Existe um fenômeno de que os jogadores ficam pouco tempo nos seus clubes. Então, forma-se uma seleção com pouca identificação. Antigamente, era possível identificar a que time cada jogador estava vinculado. Hoje, isso não existe mais.

IHU On-Line - Por que o senhor afirma que a crise do futebol brasileiro é um problema sociológico? Essa crise permanece até hoje ou mudou seu contexto?

Ronaldo Helal - Estudei essa questão da crise quando estava defendendo minha tese de doutorado, na Universidade de Nova Iorque. Depois de 1974, a mídia passou a usar a expressão crise do futebol brasileiro, e ela era dramatizada na mídia como alguns fatores inter-relacionados, como a queda de público dos estádios, pobre situação financeira dos clubes, campeonatos desorganizados e muitos jogadores indo para o exterior. Então, a crise era um processo que deveria terminar na profissionalização dos dirigentes, o que quase aconteceu, quando foi fundado, em 1987, o Clube dos Treze. O

futebol, a partir desse momento, mudou. Os campeonatos brasileiros foram melhor organizados, mas, ainda assim, basta o Brasil não ir bem em uma Copa do Mundo para que a imprensa volte a falar em crise. A crise não existe de maneira palpável; ela é muito mais uma dramatização da mídia e aparece em alguns contextos.

**IHU On-Line - Quais são as peculiaridades na narrativa argentina sobre o futebol brasileiro? Ela se aproxima da forma como o Brasil se manifesta em relação aos seus *hermanos*?**

**Ronaldo Helal** - Pesquisei os jornais argentinos da Copa de 70 até 2002 e, depois, os de 2006. Minha surpresa foi perceber que a nossa provocação foi muito maior do que a deles conosco. Eles torciam pelo Brasil abertamente sempre que a Argentina estava fora da Copa. Eles têm uma admiração profunda pelo nosso futebol. É claro que, com a globalização e o uso da Internet, os argentinos foram se dando conta de que os brasileiros torcem muito contra eles. Lembro de uma reportagem publicada em 1998, feita pela correspondente do *Clarín* no Brasil, em que ela se mostra surpresa ao perceber que os colegas brasileiros torciam contra a Argentina e a favor da Holanda. Ela não sabia se tal reação estava relacionada com o medo dos brasileiros jogarem contra a Argentina, ou, se, de fato, nós torcíamos para um time europeu. Há vinte anos, o nosso adversário era o Uruguai, mas como o país perdeu força em Copas do Mundo, nós inventamos o argentino como o “nosso outro”. Estudei o debate entre Pelé e Maradona. Até 1998, esse debate não aparecia na mídia. Pelé era o rei, e Maradona, seu herdeiro. Pelé era colunista do *Clarín*, e, em 1990, o jornal destacou: “Vamos ver a hora de ter, mais uma vez, Pelé como nosso colunista, aquele que foi o melhor do mundo na apaixonante carreira de jogador de futebol”. Apenas em 2002, surge a comparação entre ambos e, neste momento, Maradona teria ganhado. Isso, em minha opinião, foi um elemento compensatório: como o Brasil teve uma galeria de jogadores que foram considerados melhores do mundo, Maradona entra como compensatório.

## “Neste momento, não há ídolos no futebol brasileiro”

Para o jornalista e escritor Ruy Castro, todo mundo ama mil vezes mais o seu clube do que a seleção brasileira

POR GRAZIELA WOLFART

“Os grandes ídolos não são criados. Nascem e encontram um terreno propício para se desenvolver”. A opinião é do jornalista e escritor brasileiro Ruy Castro, em entrevista concedida, por e-mail, para a **IHU On-Line**. Na sua visão, um grande ídolo do futebol precisa ter talento ou genialidade e, principalmente, carisma. E sobre a seleção de Dunga, Ruy Castro dispara: “não tenho nada a ver com esta seleção do Dunga. Não conheço a maioria dos jogadores, não sei onde eles atuam e, dos que conheço, não gosto de quase nenhum”.

Ruy Castro é jornalista, tradutor e escritor brasileiro, reconhecido pela produção de biografias e reportagens extensas que vieram a se desenvolver na qualidade de livro-reportagem. A partir de suas obras, consagrou-se como um dos escritores brasileiros mais respeitados da atualidade. É autor das biografias de Nelson Rodrigues, Garrincha e Carmen Miranda. Entre seus livros, citamos *Chega de saudade: A história e as histórias da Bossa Nova* (São Paulo: Companhia das Letras, 1990), *Saudades do século XX* (São Paulo: Companhia das Letras, 1994), *Ela é carioca* (São Paulo: Companhia das Letras, 1999), *A onda que se ergueu no mar* (São Paulo: Companhia das Letras, 2001), *Tempestade de ritmos* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007) e *Era no tempo do rei: um romance da chegada da corte* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2007). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como se criam os grandes ídolos do futebol? O que explica esse fenômeno e por que o povo escolhe alguns jogadores como ídolos?**

**Ruy Castro** - Os grandes ídolos não são criados. Nascem e encontram um terreno propício para se desenvolver. Ou não. E, nesse caso, não se tornam ídolos.

**IHU On-Line - Quais as características dos grandes ídolos do futebol?**

**Ruy Castro** - Talento ou genialidade e, principalmente, carisma.

**IHU On-Line - Algo mudou da época**

**de Garrincha e Pelé para hoje?**

**Ruy Castro** - O futebol hoje é completamente profissional.

**IHU On-Line - Quem são os ídolos do futebol brasileiro hoje?**

**Ruy Castro** - Neste momento, não há ídolos no futebol brasileiro.

**IHU On-Line - Quais as principais transformações que o dinheiro provocou na trajetória histórica do futebol?**

**Ruy Castro** - Tornou os empresários mais poderosos do que os clubes, o que é uma desastrosa inversão de valores.

## “O futebol hoje é completamente profissional”

**IHU On-Line** - Que avaliação o senhor faz da Copa 2010, até então, em relação à forma como ela está instituída?

**Ruy Castro** - Não vejo nada diferente na Copa 2010 em relação às anteriores. É o mesmo populismo, de privilegiar países africanos ou asiáticos sem condições de enfrentar os sul-americanos ou europeus.

**IHU On-Line** - E, para provocar um pouco, como o senhor analisa a seleção de Dunga?

**Ruy Castro** - Não tenho nada a ver com esta seleção do Dunga. Não conheço a maioria dos jogadores, não sei onde eles atuam e, dos que conheço, não gosto de quase nenhum.

**IHU On-Line** - A paixão pelos clubes (o Flamengo, no seu caso) é maior do que a paixão do brasileiro pela seleção?

**Ruy Castro** - Sem dúvida. E, exceto os brasileiros que não gostam de futebol e só se interessam pelo assunto de quatro em quatro anos, quando há Copa do Mundo, todo mundo ama mil vezes mais o seu clube do que a seleção.

**IHU On-Line** - Como entender a paixão que move a nação brasileira em torno do futebol?

**Ruy Castro** - Não sei. E não sei se é preciso saber. Só sei que, quando o Flamengo ganha, vou dormir feliz; se perde, não quero nem ler o jornal no dia seguinte.

### LEIA MAIS...

>> Ruy Castro já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line:

\* *Futebol ontem e hoje*. Entrevista publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 17-05-2006 e disponível em <http://migre.me/NNsw>

\* *Bossa Nova: um patrimônio da cultura brasileira*. Entrevista publicada na *IHU On-Line* número 272, de 08-09-2008, e disponível em <http://migre.me/NNri>

## Copa do Mundo: ritual quadrienal de nacionalidade

Redutos de sentimento nacional, as competições esportivas internacionais agregam torcedores dos mais variados times. No caso brasileiro, trata-se de um momento ímpar, de paroxismo de nossa brasilidade

POR MÁRCIA JUNGES

**D**e acordo com a antropóloga Simoni Lahud Guedes, os períodos em que acontecem Copas do Mundo são “verdadeiros rituais quadrienais de nacionalidade”. Em entrevista, por e-mail, à **IHU On-Line**, ela afirmou que “no mundo moderno, as competições esportivas internacionais transformaram-se em importantes redutos do sentimento nacional, na medida em que a economia está intensamente transnacionalizada, sendo as fronteiras nacionais relativamente porosas”. Analisando o caso brasileiro, é importante ressaltar, diz ela, que selecionamos “as Copas do Mundo de futebol como momentos paroxísticos da vivência da brasilidade. Esta ‘escolha’ específica, embora não programada, tem grande relação com a realização da Copa de 1950, no Brasil, com a construção do Maracanã e os sonhos de um Brasil grande”.

Simoni Lahud Guedes é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense - UFF, mestre e doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, com a tese *Jogo de corpo: um estudo de construção social de trabalhadores* (Niterói: Eduff, 1997). É pós-doutora pela Universidade de Buenos Aires - UBA, na Argentina. Atualmente, leciona na UFF.

Escreveu *O Brasil No Campo de Futebol: Estudos Antropológicos Sobre Os Significados do Futebol Brasileiro* (Niterói: Eduff, 1998) e *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional* (Niterói: Intertexto, 2006), escrito junto com o publicitário Edison Luis Gastaldo. Guedes participou do I Seminário Pátria de Chuteiras - Futebol e Sociedade no Brasil, que aconteceu nos dias 5, 6 e 7 de junho de 2006, na Unisinos. Confira a entrevista.

**IHU On-Line** - Em época de Copa do Mundo nos tornamos mais brasileiros? Por quê?

**Simoni Lahud Guedes** - Certamente, no Brasil, os períodos da Copa do Mundo são verdadeiros rituais quadrienais de nacionalidade, especialmente a partir de 1950. É preciso considerar que este é um fenômeno mais geral. No mundo moderno, as competições esportivas internacio-

nais transformaram-se em importantes redutos do sentimento nacional, na medida em que a economia está intensamente transnacionalizada, sendo as fronteiras nacionais relativamente porosas. Estas competições transformaram-se em espaços privilegiados para a vivência e reconstrução das diversidades nacionais.

Entretanto, é bastante interessante que, no caso brasileiro, tenhamos



selecionado as Copas do Mundo de futebol como momentos paroxísticos da vivência da brasilidade. Esta “escolha” específica, embora não programada, a meu ver, tem grande relação com a realização da Copa de 1950, no Brasil, com a construção do Maracanã e os sonhos de um Brasil grande. Não é de menor importância, nesta escolha, a hegemonia nas representações coletivas da ideia de mestiçagem do povo brasileiro e das interpretações que atribuíram ao futebol praticado no Brasil características desta mestiçagem. A categoria “futebol mulato” cunhada por Gilberto Freyre, em 1938, é de grande importância neste sentido. O sucesso internacional do futebol brasileiro, a partir de 1958, sela esta relação intrínseca entre brasilidade e futebol.

**IHU On-Line - Quais são os significados antropológicos por trás da etiqueta de país do futebol?**

**Simoni Lahud Guedes** - Como afirmei acima, há inúmeros significados no Brasil que são veiculados através do futebol. O mais importante, do meu ponto de vista, é esta concepção de que o futebol brasileiro reproduz as qualidades e defeitos do povo brasileiro, em geral, vistas como decorrentes da miscigenação. Tanto na sua apreensão positiva quanto na sua apreensão negativa, esta concepção tem sido um eixo que congrega uma série de significados. Para confirmar este ponto de vista, basta ver a publicidade em torno do evento no Brasil que, como demonstrou Édison Gastaldo<sup>1</sup>, elabora, sob várias dimensões, a categoria “brasileiro”. A maioria das mensagens enfatiza um brasileiro “genérico”, digamos assim, que pode pertencer a qualquer classe ou categoria social, tem todas as cores, mas é invariavelmente alegre, animado e esperançoso.

<sup>1</sup> Édison Luis Gastaldo: antropólogo brasileiro, professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Confira, nesta edição, a entrevista que concedeu à IHU On-Line: O futebol como um drama da vida social no Brasil. Em 17-08-2004 apresentou o evento *Sala de Leitura*, promovido pelo IHU, debatendo o livro *Erving Goffman, Desbravador do Cotidiano* (Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004), por ele organizado. Sobre o evento, publicamos um artigo de Gastaldo na 111ª edição da IHU On-Line de 16-08-2004, disponível em <http://migre.me/R05j>. (Nota da IHU On-Line)

## “A difusão do futebol, sem qualquer sombra de dúvida, é um dos mais extraordinários fenômenos do século XX. Sua penetração em inúmeros países é remarcável”

**IHU On-Line - Nesse sentido, como se misturam sociabilidade e identidade social no futebol?**

**Simoni Lahud Guedes** - As identidades sociais são, sempre, múltiplas, contextuais e contrastantes. Assim, nesse momento, aciona-se uma dimensão da identidade, a dimensão nacional, obscurecendo as outras dimensões. Como venho afirmando, as competições esportivas internacionais são espaços absolutamente privilegiados para tais acionamentos, pois proporcionam também os contrastes adequados (o brasileiro é assim, o italiano é assado e por aí vai...). Com o acionamento deste nível da identidade social - o da brasilidade - certamente novos padrões de sociabilidade se estabelecem, mesmo que por um curto período (e dependente do desempenho do selecionado). A vivência de experiências de compartilhamento do sentimento nacional, de fato, tende a propiciar padrões de sociabilidade específicos, incluindo, por exemplo, nas alegrias e tristezas coletivas proporcionadas pela seleção, um enorme contingente de pessoas que, apenas neste momento, interessa-se por uma competição esportiva.

**IHU On-Line - Como percebe a união entre torcedores de times rivais em época de Copa do Mundo? Nessas horas, caem as barreiras entre as disputas polarizadas? Por quê?**

**Simoni Lahud Guedes** - Creio que é exatamente pelo fato apontado acima, de que, no Brasil, elegemos as Copas do Mundo como rituais nacionais qua-

drienais. Para que isto ocorra é fundamental que todas as diferenças sejam paulatinamente suspensas. Contribui para esta suspensão a paralisação dos campeonatos locais, fazendo com que os olhares, obrigatoriamente, voltem-se para a competição maior. Assim, na medida em que o campeonato mundial se desenvolve, havendo um desempenho convincente do selecionado nacional, mais e mais o foco simbólico se fixa na Copa do Mundo e todas as diferenças (de classe, de gênero, de idade, de time, de cor) são provisoriamente suspensas, restando apenas a dimensão de “brasilidade”.

**IHU On-Line - Por que, no Brasil, há tanto interesse pelo futebol? A realidade é a mesma em outros países?**

**Simoni Lahud Guedes** - A difusão do futebol, sem qualquer sombra de dúvida, é um dos mais extraordinários fenômenos do século XX. Sua penetração em inúmeros países é remarcável. Em muitos, não há dúvida, há enorme interesse pelo futebol. Contudo, é necessário considerar que, embora absolutamente difundido, a apropriação que se faz do futebol é sempre específica, relacionando-se com as questões peculiares daquele espaço social. Então, eu diria que o futebol é importante, importantíssimo mesmo, em inúmeros países, mas, sempre, de modos distintos. É necessário um olhar cuidadoso para dimensionar a importância em cada caso.

**IHU On-Line - A polarização Brasil-Argentina continua sendo explorada pela mídia, a exemplo da Copa de 2006. Em que medida estereótipos desse tipo são uma constante no futebol da Copa do Mundo e de épocas normais? Como compreender essa necessidade de rotulação?**

**Simoni Lahud Guedes** - A construção da identidade não prescinde, de modo algum, da construção da alteridade. No caso de Brasil e Argentina temos o que venho chamando de uma “alteridade privilegiada” (e que um documentário de televisão chama de uma das “rivalidades históricas”, designação muito interessante também). Em geral, tais alteridades privilegiadas referem-se a nações muito próximas, histórica e

## “Como as torcidas organizadas estão ligadas ao sistema clubístico, são também, de certo modo, ‘suspensas’ durante as Copas do Mundo”

metaforicamente, que elaboram e vivenciam suas diferenças através das competições esportivas. Sim, há muitas outras alteridades deste tipo mas, também, assumem sempre as características específicas das relações simbólicas entre estas nações.

**IHU On-Line - Como a questão da raça se apresenta em campo? O futebol foi, em algum momento, um esporte de negros?**

**Simoni Lahud Guedes** - A história do futebol no Brasil, como muitos cientistas sociais e historiadores vêm demonstrando, tem sido um veículo excepcional para a veiculação da questão racial. Há não só inúmeras interpretações ligadas a representações sociais sobre as capacidades e incapacidades dos negros, como episódios que concentram os diversos impasses que tal questão apresenta no Brasil. Houve mudanças recentes, não há dúvida. Mas, de certo modo, a luta contra o preconceito racial - de marca, no caso brasileiro, como bem identificou Oracy Nogueira - se passa, ainda cotidianamente, nos campos

de futebol. Muitos têm notado, por exemplo, que, embora tenhamos inúmeros jogadores negros de sucesso, são raríssimos os técnicos, árbitros e, principalmente, dirigentes negros. E não são inexistentes os episódios de racismo explícito.

Não, no caso brasileiro, o futebol não é um esporte de negros. É um esporte trazido pelas elites descendentes de europeus, que se popularizou, e no qual os negros, a duras penas, foram conquistando espaço.

**IHU On-Line - É correto compreender o futebol como um catalisador de pulsões e sentimentos? Por quê?**

**Simoni Lahud Guedes** - Esta é a tese famosa de Norbert Elias que afirma que o homem moderno, submetido a um processo civilizador no qual as pulsões são internalizadas e controladas, necessita de espaços para vivenciar, de modo seguro e bem delimitado, estas pulsões. Neste caso, estes sentimentos seriam, como ele chama, miméticos, ou seja, espécies de simulacros das excitações anteriormente vividas. Os esportes, os jogos em geral, o cinema,

o teatro seriam propiciadores destas emoções miméticas.

Parece-me que, no caso do futebol, no Brasil pelo menos, não são emoções miméticas nem tampouco delimitadas em espaço e tempo. Creio que o futebol tem sido veículo para emoções e sentimentos diversos que extravasam o campo de futebol e, no caso das Copas do Mundo, espaço para vivência do sentimento nacional. Todas as nações, para se realizarem, necessitam escolher símbolos e signos nos quais concentram os significados nacionais. No caso brasileiro, um dos veículos mais vigorosos que escolhemos foi o futebol por uma série de circunstâncias.

**IHU On-Line - Como podemos compreender as torcidas organizadas no contexto de manifestação coletiva?**

**Simoni Lahud Guedes** - Há, na antropologia brasileira, uma série de trabalhos etnográficos muito bem elaborados sobre torcidas organizadas. Eles vêm demonstrando que tais agrupamentos envolvem, em geral, uma série de representações sobre a masculinidade, apresentando-se como forma de vivenciar experiências coletivas de compartilhamento que, em geral, atravessam vários domínios da vida dos indivíduos. Como as torcidas organizadas estão ligadas ao sistema clubístico, são também, de certo modo, “suspensas” durante as Copas do Mundo.

LEIA AS NOTÍCIAS DO DIA  
NA PÁGINA ELETRÔNICA  
WWW.IHU.UNISINOS.BR

## A pátria de chuteiras

POR JOSÉ AFONSO DE OLIVEIRA

**R**ecebemos e publicamos o artigo que segue, de autoria do professor José Afonso de Oliveira. No texto, ele considera a Copa do Mundo como “nosso único ato cívico por excelência”. José Afonso de Oliveira é professor de sociologia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Tem especialização em sociologia, educação ambiental e história. É ainda professor de sociologia na União Dinâmica de Faculdades Cataratas - UDC, e professor de História da Secretaria Estadual de Educação do Paraná, além de professor de História e Sociologia do curso pré-vestibular do Colégio Caesp. Eis o artigo.

Estamos em clima de Copa do Mundo de Futebol, tudo está modificado para que possamos participar desse que é o nosso único ato cívico por excelência.

As cores nacionais enfeitam as nossas casas, shoppings, supermercados. Bandeiras são vistas por todo o lado. Estamos envolvidos nesta grandiosa festa cívica. Nada exalta mais o nosso nacionalismo do que esse maior evento esportivo do mundo, agora transformado no maior espetáculo global.

Em 29 de junho de 1958, tinha 9 anos de idade e vibrava com o fato de termos sido campeões do mundo na Suécia. Estava em minha cidade natal, Santos, de onde provinha o fenômeno do Pelé, então com apenas 17 anos de idade.

Mas a Copa do Mundo da Suécia foi vencida pelo Brasil que tinha seus bons jogadores, todos jogando em clubes, sempre os mesmos. Para tanto, basta lembrar o fenômeno Mané Garrincha do Botafogo ou do estreante Pelé, do Santos. O nosso técnico, ora dispensável, era o Vicente Feola<sup>1</sup>, com seu peso descomunal, mal podendo andar.

O improviso, a distância, o choque cultural, tudo isso colaborou para que pudéssemos brilhar nos campos da Suécia e, pelo rádio, ficassemos sabendo

<sup>1</sup> Vicente Ítalo Feola (1909-1975): jogador e treinador brasileiro de futebol. Foi jogador profissional do São Paulo FC da Floresta, Auto Futebol Clube e Americano, de São Paulo. Treinou a Seleção Brasileira de 1958, campeã do mundo na Suécia, e a de 1966, que disputou esse título na Inglaterra. Seria o técnico da Copa em 1962, mas adoeceu e foi substituído por Aymoré Moreira. (Nota da IHU On-Line)

**“A organizadora do espetáculo, a FIFA, como é sabido, age imperialmente, sem consultar a ninguém, tem todos os patrocinadores nas mãos, não pode ser tributada nos países onde as Copas se realizam, constituindo-se assim num poder acima do Estado. Mais do que isso, tem mais representantes em suas assembleias do que as Nações Unidas, sendo tudo isso obra de um dirigente brasileiro”**

do das peripécias dos nossos craques. Com eles vibrávamos, colecionávamos figurinhas, fazíamos álbuns. Tudo isso é um passado glorioso, belíssimo, mui-

to diferente de tudo aquilo que estamos assistindo agora.

O nosso técnico desfila moda, digase de passagem, de gosto muito duvidoso. Não fala com a imprensa, dá entrevistas coletivas, treina em segredo, sem que ninguém possa saber o que está ocorrendo.

Mas, digamos assim, tudo isso é secundário, fazendo parte do jogo da mídia. O principal mesmo é que nosso time está vazio de jogadores, todos eles nasceram por aqui, mas jogam por lá, provenientes que são de clubes europeus. Evidente que o fato é repetido à exaustão pelos demais grandes times.

Temos assim uma Copa do Mundo de craques, e não de times de futebol. Muito mais do que isso, há uma tremenda disputa pelos patrocinadores que vão desde aqueles que ofertam materiais esportivos até os de bebidas.

A organizadora do espetáculo, a FIFA, como é sabido, age imperialmente, sem consultar a ninguém, tem todos os patrocinadores nas mãos, não pode ser tributada nos países onde as Copas se realizam, constituindo-se assim num poder acima do Estado. Mais do que isso, tem mais representantes em suas assembleias do que as Nações Unidas, sendo tudo isso obra de um dirigente brasileiro.

Mas voltemos ao nosso time de craques europeus, ou, se for mais conveniente, europeizados. Gastam-se fortunas exageradas, provenientes dos bolsos dos cidadãos, através de cenas da vida. Treinos, atendimentos especializados,



“Não espanta se  
tivermos brigas reais,  
pois o clima é mais para  
isso do que para grandes  
comemorações”

profissionais que são não fazendo outra coisa na vida. Tudo isso para produzirem um espetáculo pífilo, medíocre, sem entusiasmo algum.

Fica a proposta que os times que disputam a Copa só possam ter participantes nascidos nos respectivos países, valendo para o Brasil que os jogadores sejam provenientes de times brasileiros que disputam os nossos vários campeonatos. O fato de não levar jogadores altamente competentes mostra bem a ideia dos jogadores estrangeiros que, vencedores, terão maior valor de mercado.

Mas é esse tal de mercado também que faz com que eles não joguem, pois podem sofrer contusões sérias e terem grandes prejuízos. Por isso é melhor ficar passeando em campo e, num tremendo esforço, os comentaristas durante o jogo tentam criar um time entusiasmado, dizendo que após o intervalo eles voltarão melhor. Que nada, eles têm mesmo outras preocupações, e o prepotente do técnico nada fala, pois que não tem mesmo nada a dizer, a não ser patrocinar moda, de gosto duvidoso.

Mas tudo isso é a reprodução mais fiel possível do atual mundo globalizado, onde tudo é reduzido ao capital. Assim o esporte hoje é mera forma de acumulação, perdendo completamente todo o seu potencial criativo, artístico.

A diferença da Copa de 1958 para agora está exatamente aí, um futebol gostoso, bonito, contra um futebol técnico, pesado, sem nenhuma graça, que não empolga mesmo.

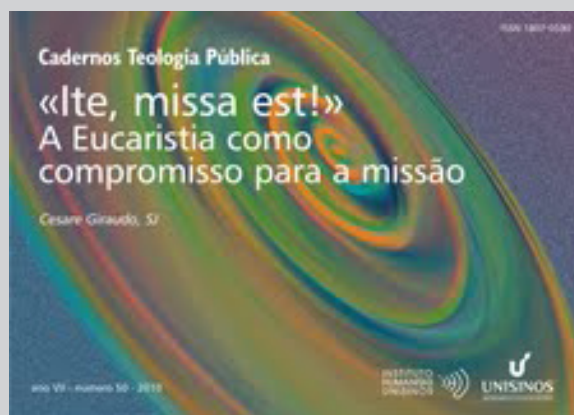
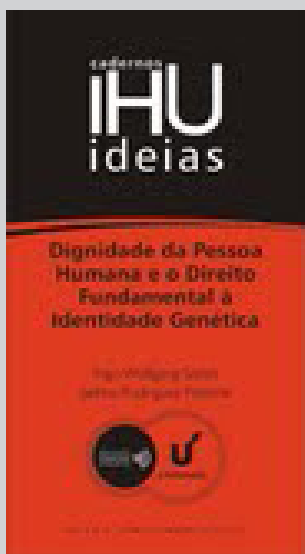
Pior é a transformação de uma festa de aproximação dos povos, em uma competição altamente política e de domínio de mercado. Não espanta se tivermos brigas reais, pois o clima é mais para isso do que para grandes comemorações.

## XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU - A EXPERIÊNCIA MISSIONEIRA: TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE



DATA DE INÍCIO: 25  
DE OUTUBRO DE 2010  
INFORMAÇÕES EM  
WWW.IHU.UNISINOS.BR

## CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA  
[WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)



# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana



# Memória

## A lucidez de José Saramago

POR RAFAEL B. VIEIRA, MESTRANDO EM DIREITO NA PUC-RIO E GRADUADO EM DIREITO PELA UFRJ

Certa vez, Lukács<sup>1</sup> apontava o romance como gênero artístico dominante na sociedade burguesa (partindo de Hegel<sup>2</sup>), enquanto representante da máxima expressão artística de uma determinada época. Mostrando as contradições da sociedade sem tentar em si soluções conciliatórias, o romance penetraria nas relações da época e as revelaria em seu caráter histórico, sendo nesse sentido realista. Seria uma estrutura narrativa que concentra e encarna as tendências que se manifestam na realidade, impelindo-a ao extremo para tentar reproduzi-la, diferenciando-se assim de uma mera reprodução.

Saramago<sup>3</sup> tinha convicção da co-

1 Georg Lukács (1885-1971): foi um filósofo húngaro de grande importância no cenário intelectual do século XX. (Nota da IHU On-Line)

2 Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecesores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial da Revista IHU On-Line nº 217 de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://migre.me/zaON>. Sobre Hegel, confira, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. *Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://migre.me/zaOX>. (Nota da IHU On-Line)

3 José Saramago (1922-2010), escritor português, Nobel de Literatura em 1998. Conhecido por utilizar-se de frases e períodos longos, escreveu, entre outros, *Os Poemas Possíveis* (1966), *Provavelmente Alegria* (1970); *Destes Mundo e do Outro* (1971); *Teatro: A Noite* (1979); *Que Farei com Este Livro?* (1980); *Contos: Objecto Quase* (1978); *Romance: Levantando do chão* (1980), *A jangada de pedra* (1986); *A caverna* (2001), *O homem duplicado* (2002); *Ensaio sobre a lucidez* (2004). (Nota da IHU On-Line)

nexão de seus romances com a dinâmica da sociedade que o mesmo fazia parte, e muitas de suas obras nos deixam reflexões com as quais teremos que lidar na construção de uma sociedade mais justa. A obra *Ensaio sobre a lucidez* (São Paulo: Companhia das Letras, 2004) pode fazer parte deste contexto. Saramago retrata a imagem de uma cidade colocada sob o mecanismo formal do estado de exceção após sua população ter votado maciçamente em branco. O maior “crime” dessa população foi o fato de que oitenta e três por cento de seus eleitores votaram em branco, mas uma contestação daí emerge: O voto em branco não era permitido nessa comunidade hipotética de Saramago? Sim, e era assim que respondiam a maioria dos seus personagens quando indagados se haviam votado em branco. Respondiam que estavam no direito de não responder a essa pergunta e que o voto em branco era garantido pela lei. Mas oitenta e três por cento era uma proporção demasiado alta para os representantes políticos do romance. Alegando quebra do contrato social com a realidade democrático-institucional-estatal, puseram a cidade num estado de exceção jamais revogado.

Saramago em seu romance cria uma realidade, e por isso um não-real, mas enquanto ser histórico comunica-se com o real retirando dele traços e indícios para expô-los manifestando em seu romance algumas características reais das sociedades modernas. Essa obra de Saramago reflete as preocupações de um grande escritor com a realidade de seu tempo, onde assistimos, para falar com Giorgio Agam-

ben, a uma irrupção sem precedentes do estado de exceção, tornando este mecanismo, criado para supostamente para situações excepcionais, uma técnica de governo.

Esta obra de Saramago é dado concreto para pensar não somente o mundo contemporâneo e a irrupção sem precedentes de inúmeras guerras, oficiais e não oficiais, que dizimam milhares de vidas humanas todos os dias. É dado concreto para pensar a vida humana tornada objeto, onde milhares de crianças e adultos nos deixam por não terem condições de subsistir, em tempos que o mundo desloca olhares seletivos para a África. É dado concreto também para pensar no Rio de Janeiro onde se implementa a sangue e fogo uma política de militarização da vida social, que torna milhares de seres humanos alvos de um poder sem precedentes em tempos ditos democráticos, onde sua própria pobreza é criminalizada.

Faz sentido referir-se à Saramago não somente como alguém que nos deixa, mas lembrar dos desafios que suas reflexões estabelecem para a história social humana, tornando sua obra instrumento vivo de possibilidades de emancipação da vida, preocupação recorrente de Saramago como escritor e como pessoa.

*“Nascemos, e nesse momento é como se tivéssemos firmado um pacto para toda a vida, mas o dia pode chegar que nos perguntemos. Quem assinou isto por mim?” - José Saramago (1922-2010)*

# Teologia Pública

## O Budismo e “as outras”: em busca de uma teologia das religiões

Para o cientista das religiões Frank Usarski, deve-se evitar a “ideia ingênua” de que todas as religiões compartilham uma essência comum. Por isso, é preciso reconhecer as diferenças e os pontos inconciliáveis entre elas

POR MOISÉS SBARDELOTTO

**E**m razão do seu recente estudo sobre o Budismo, Frank Usarski foi o primeiro intelectual a receber o título de livre-docente em Ciência da Religião no Brasil. Nascido na Alemanha, chegou ao Brasil, em 1998, e, desde então, faz parte do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Como resultado de sua pesquisa, foi publicado o livro *O Budismo e as outras. Encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais* (Aparecida: Ideias & Letras, 2009).

Conforme as palavras do presidente da banca que lhe conferiu o título, Prof. Dr. João Décio Passos, publicadas no prefácio do livro, Usarki “revela um olhar e um método originais que elucidam um objeto inédito - o exercício efetivo do inter-religioso -, lança possibilidades metodológicas - as bases para uma teologia das religiões - e vislumbra horizontes de ação inter-religiosa - práticas ecumênicas e éticas”.

Nesta entrevista, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, Usarki afirma que o Budismo, em termos de diálogo inter-religioso, “demonstra uma tendência de evitar brigas sobre formulações dogmáticas ‘secundárias’. Ao mesmo tempo, olha geralmente com simpatia para qualquer método - de origem budista ou não - que supostamente contribuiu para a evolução espiritual na direção do nirvana”. Porém, afirma, “nenhuma religião nasce e se desenvolve em um vácuo, e poucos dos seus representantes são santos, mas sim sujeitos a tentações ‘mundanas’. Há momentos na história que demonstram que o Budismo também é vulnerável nesse sentido”. E aqui Usarski analisa, também, os desafios do pluralismo religioso, refletindo ainda sobre o conceito de ética mundial, defendido por Hans Küng.

Frank Usarski é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. É pós-doutor em Ciências da Religião pela Universidade de Hannover, na Alemanha. É fundador e coordenador da Revista de Estudos da Religião - *Rever* - e também é líder do grupo de pesquisa Centro de Estudos de Religiões Alternativas de Origem Oriental no Brasil - Ceral. De suas obras, além de *O Budismo e as outras*, citamos *Constituintes da Ciência da Religião. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma* (Paulinas, 2006). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quais foram os “encontros” e os “desencontros” mais marcantes entre o Budismo e as outras religiões mundiais? O que significaram para a construção do Budismo?**  
**Frank Usarski** - Geralmente, um desafio representado pelo “outro” torna consciente as especificidades do “próprio”, tanto no sentido do diferencial

de doutrinas e práticas já elaboradas quanto no sentido de “lacunas” no próprio repertório e a necessidade de refletir sobre esses elementos negligenciados, pelo menos em função de uma apologia mais eficaz em oposição ao outro. Seja como for, o intercâmbio - pacífico ou conflituoso - frequentemente estimula, dessa maneira, a

“produção” de “bens religiosos”, contribuindo para a dinâmica pela qual a história das religiões se caracteriza.

Por exemplo, grande parte das modificações do Budismo Mahāyāna - ramo dominante no Extremo Oriente -, em comparação como o Budismo Teravāda - corrente forte nos países do Sul e Sudeste da Ásia -, são refle-

xões da necessidade do Budismo de se posicionar diante das religiões autóctones na China, sobretudo diante do Taoísmo. Algo semelhante pode se dizer sobre o Budismo Tibetano cujo panteão e diversas técnicas espirituais são concessões ao Bön, religião antiga da região.

**IHU On-Line - O senhor examina a relação do Budismo com as outras religiões mundiais a partir de três categorias: exclusivismo, inclusivismo e pluralismo. Como o Budismo encarna essas três categorias?**

**Frank Usarski** - As três categorias acima mencionadas são frequentemente citadas na literatura especializada sobre o diálogo inter-religioso. No caso do Budismo, elas são heurísticamente úteis, mas não podem ser aplicadas de maneira dura. Há duas razões principais para um olhar mais diferenciado. Primeiro, encontram-se, nas escrituras do Budismo, atitudes que não se pode associar a nenhuma das três categorias mencionadas.

Isso vale, por exemplo, para a atitude chamada “avyakata”. O termo técnico significa “perguntas não respondidas” e encontra-se em sutras em que Buda não se posiciona diante de uma disputa doutrinária. Nesses casos, Buda mostrou uma abertura que atribui ao ouvinte do sermão a liberdade de tomar suas conclusões próprias. O silêncio de Buda diante da dissonância cognitiva dos seus discípulos não cabe em nenhuma das três categorias “clássicas” do diálogo inter-religioso.

Se os textos budistas expressam claramente uma postura exclusivista, pluralista ou inclusivista, tem-se que perguntar se a atitude se refere a uma doutrina ou uma prática espiritual. Diferentemente do Cristianismo, por exemplo, o Budismo não insiste na verdade das suas mensagens, mas destaca a utilidade das suas práticas em que consta um caminho espiritual. Nesse sentido, o Budismo - embora não abra mão do conceito do nirvana como objetivo soteriológico máximo - demonstra uma tendência de evitar brigas sobre formulações dogmáticas “secundárias”. Ao mesmo tempo, olha geralmente com simpatia para qualquer método - de origem budista ou

**“Como cientista da religião interessado na comparação das religiões, tenho problemas com a ideia ingênua de que todas as religiões querem a mesma coisa e compartilham uma essência comum”**

não - que supostamente contribuiu para a evolução espiritual na direção do nirvana. Esse exemplo indica que, em determinados momentos, as três posturas não são alternativas, mas desempenham um papel quase simultâneo.

**IHU On-Line - Em uma perspectiva histórica, não haveria um “budismo”, mas sim um grande mosaico de budismo, caracterizado por duas grandes tradições: o Theravāda e o Mahāyāna. Quais são as diferenças entre elas?**

**Frank Usarski** - Há muitas diferenças no que diz respeito à doutrina, às práticas, à ética e a questões organizatórias das duas correntes. Devido às restrições formais nessa entrevista, é possível citar apenas alguns exemplos. Quanto à dimensão das doutrinas, vale a pena lembrar que há subcorrentes mahāyānistas, como a “Terra Pura”, cujos ensinamentos implicam a ideia de um passo soteriológico intermediário no sentido de um possível alcance de uma esfera transcendental que ainda não representa o nirvana, mas fornece condições para uma evolução acelerada na direção da salvação completa.

Outra diferença fundamental consta na teoria do carma. Os theravādins insistem na insuperabilidade da lei do carma e na responsabilidade exclusiva de cada indivíduo para com seu pró-

prio destino espiritual. O Mahāyāna rompe com o “automatismo frio” do carma na versão dos theravādins e ensina a possibilidade de que figuras salvíficas - bodhisattvas e Budas como o Amitabha (= Amida) - interfiram positivamente nas vidas dos seres menos evoluídos.

No que diz respeito a questões organizacionais, pode-se citar as redefinições mahāyānistas da relação entre monges e leigos em favor dos leigos - um resultado da ênfase do confucionismo na família e na piedade filial - e consequentemente da aversão contra uma vida monástica que o Budismo teve que respeitar para se enraizar no Extremo Oriente.

**IHU On-Line - Segundo o senhor, existiriam “estratégias budistas tendentes à abertura substancial”, ou seja, uma tendência a deixar certos problemas em aberto sem assumir posições dogmáticas e fechadas sobre determinados problemas. Isso foi positivo para a relação do Budismo com as demais religiões?**

**Frank Usarski** - Já mencionei a atitude chamada avyakata. Há diversos trechos no cânone pāli (textos mais antigos da tradição budista), entre eles o Kalama Sūtra e o Tevijja-Sūtra, em que Buda quer superar a fé cega dos seus ouvintes incentivando-os a contemplar autonomicamente as hipóteses apresentadas em disputas inter-religiosas e a chegar a uma opinião própria.

Essa postura é compatível com a autoimagem do Budismo moderno de não representar uma “religião” propriamente dita, interessada em atividades proselitistas, mas uma “filosofia de vida” que garante a liberdade daqueles que se associam a ela. Trata-se de uma atitude que combina com o espírito de uma época em que as “grandes narrativas” perderam sua relevância, e as autoridades religiosas não podem mais contar com sua autolegitimidade baseada em um status formal. Nesse sentido, o Budismo tem vantagens sobre outras religiões, cujas tradições exigem uma fidelidade explícita para com suas escrituras sagradas.

**IHU On-Line - Como o não-teísmo do Budismo influencia sua relação com**



religiões fortemente monoteístas como o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo?

**Frank Usarski** - O termo “não-teísta” refere-se à divergência entre o Budismo e religiões que partem da ideia de um Deus eterno que existe fora do cosmo criado por ele e, portanto, não é sujeito da impermanência que determina a vida relativa. É importante ressaltar isso, uma vez que, no decorrer da sua história, o Budismo incluiu diversas divindades locais no seu panteão, porém “desvalorizou” as figuras celestiais incorporadas do Hinduísmo e do Xamanismo tibetano, localizando esses seres supra-humanos dentro da roda de vida (samsara).

É obvio que essa cosmovisão dificulta o diálogo com religiões monoteístas, tanto no sentido cosmológico quanto no sentido soteriológico. Em vez de um ato livre de um criador, o Budismo conta com a chamada “gênese condicionada”, ou seja, com um mecanismo impessoal responsável pelos acontecimentos nas esferas relativas da nossa existência. Em vez de princípios cristãos, como o de uma natureza humana contaminada pelo pecado original que impede a autossalvação do indivíduo e de um Juízo Final, o Budismo conta com a lei do carma, a autorresponsabilidade de cada indivíduo e da sua capacidade de alcançar o nirvana por esforços próprios.

Não se pode esquecer as tentativas de mediação entre o Budismo e as religiões monoteístas por parte de filósofos associados à chamada Escola de Kyoto, particularmente nas obras de Masao Abe, mas essas construções intelectualmente sofisticadas parecem bastante forçadas e confirmam indiretamente o oposto daquilo que é intencionado pelos pensadores afins, ou seja: intensificam a impressão de que, no nível em questão, há incompatibilidades inconciliáveis entre termos ontológicos e soteriológicos entre o Budismo e as religiões monoteístas.

**IHU On-Line** - Em um dos capítulos do livro, o senhor fala de “divergências substanciais” entre o Budismo e as demais religiões mundiais. Em linhas gerais, quais seriam elas?

**“O Budismo desfruta uma imagem muito positiva. Muitos o veem como a mais pacífica dentre as grandes religiões. Em minha opinião, a doutrina budista tem esse potencial. Porém, nenhuma religião nasce e se desenvolve em um vácuo, e poucos dos seus representantes são santos, mas sim sujeitos a tentações ‘mundanas’”**

**Frank Usarski** - Há alguns temas recorrentes no diálogo entre o Budismo e o Hinduísmo, Judaísmo, Cristianismo e o Islã. O tema mais frequente é o do teísmo nas tradições não-budistas que o Budismo vê como um ponto crítico. Outros assuntos são mais específicos e têm sido abordados em diálogos com uma das quatro religiões acima mencionadas. Quanto ao Cristianismo, por exemplo, o Budismo tem dificuldades de atribuir a Jesus Cristo um status divino que ultrapassa sua apreciação “apenas” como um mestre espiritual.

Além disso, uma retrospectiva revela que determinados tópicos ganharam uma relevância maior em certos momentos históricos. Para citar novamente o Cristianismo, budistas europeus do início do século XX criticavam fortemente a presença de missionários cristãos em países como China ou Birmânia e o impacto “destrutivo” das respectivas atuações sobre a cultura budista local.

**IHU On-Line** - O senhor afirma que

há “um preconceito fortemente enraizado no senso comum [de] que ‘bem lá no fundo’, no âmago, todas as religiões partem dos mesmos princípios, têm objetivos semelhantes e se unem no desejo de harmonia e de paz no mundo”. Nesse sentido, é possível uma ética mundial, como defende Hans Küng?

**Frank Usarski** - Como cientista da religião interessado na comparação das religiões, tenho problemas com a ideia ingênua de que todas as religiões querem a mesma coisa e compartilham uma essência comum. Ao mesmo tempo, concordo com a busca de Hans Küng<sup>1</sup> para uma ética mundial. Mas esta só pode ser construída a partir do reconhecimento das particularidades, da integridade e da dignidade de cada um dos interlocutores envolvidos. Caso contrário, acontecerá o mesmo que ocorreu com os chamados “direitos humanos universais”. A respectiva declaração foi lançada em 1948, portanto, em um momento no qual países ocidentais representavam a maioria dos membros da ONU. Depois da descolonização e da entrada de países recém emancipados, foram articuladas

<sup>1</sup> Hans Küng (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial, em Tübingen. Um escritório da Fundação de Ética Mundial funciona dentro do Instituto Humanitas Unisinos desde o segundo semestre do ano passado. Küng dedica-se, atualmente, ao estudo das grandes ‘religiões, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva e *Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns*, pela editora Verus. De 21 a 26 de outubro de 2007 aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé - por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, realizado no campus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFMG. Um dos objetivos do evento foi difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do “Projeto de ética mundial”. Confira no site do IHU, em <http://migre.me/R0s7>, a edição 240 da revista IHU On-Line, de 22-10-2007, intitulada “Projeto de Ética Mundial. Um debate”. Visite, também, a Fundação de Ética Mundial, no site do IHU: <http://migre.me/R0sQ>. (Nota da IHU On-Line)

dúvidas sobre a “universalidade” dos valores oficialmente sancionados.

O resultado foi que, em 1981, a Organização para a Unidade Africana lançou a chamada “Carta de Banjul dos Direitos Humanos”, que representa uma reformulação dos direitos “ocidentais” de 1948. O mesmo vale para Declaração de Cairo de Direitos Humanos pela XIX Conferência Islâmica dos Ministros Exteriores em Cairo (1990). Isso significa que há partes do mundo insatisfeitas com a versão oficial dos Direitos Humanos, uma vez que os últimos não refletem as experiências historicamente acumuladas por povos localizados em partes “não-ocidentais” do mundo.

É obvio que uma ética mundial deve transcender essas frentes. Mas isso só pode acontecer quando as vozes de todos os interlocutores têm o mesmo peso. O primeiro passo nessa direção é o reconhecimento do fato de que há muitas plausibilidades em jogo e de que muitas das diferenças têm suas raízes em doutrinas religiosas distintas e em alguns pontos inconciliáveis.

**IHU On-Line - Pode-se dizer que o Budismo é uma religião tolerante em relação com as demais? Quais seriam os limites e possibilidades de diálogo entre o Budismo e as demais religiões mundiais?**

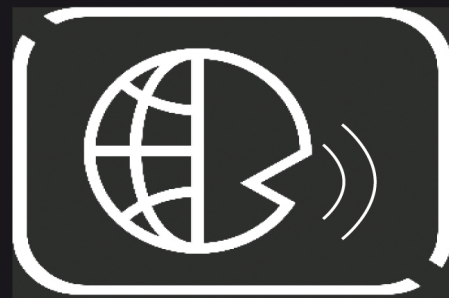
**Frank Usarski** - O Budismo desfruta uma imagem muito positiva. Muitos o veem como a mais pacífica dentre as grandes religiões. Em minha opinião, a doutrina budista tem esse potencial. Porém, nenhuma religião nasce e se desenvolve em um vácuo, e poucos dos seus representantes são santos, mas sim sujeitos a tentações “mundanas”. Há momentos na história que demonstram que o Budismo também é vulnerável nesse sentido.

Isso vale, por exemplo, para a instrumentalização de instituições budistas locais por parte do governo japonês em função da perseguição violenta de cristãos no país a partir de 1631. Mas, ao longo da história, e comparado com as duas outras religiões universais, isto é, o Islã e o Cristianismo, o Budismo pode ser considerado uma religião norteada, sobretudo, pela ideia de convivência pacífica.

# SIGA O TWITTER DO IHU



[http://twitter.com/\\_ihu](http://twitter.com/_ihu)



## A EBC e a TV Brasil: mais do mesmo?

POR RODRIGO JACOBUS\*

No Brasil, a exemplo de outras nações, em especial França e Estados Unidos, o desenvolvimento da comunicação de massa caminha em paralelo ao curso da industrialização, que vai acirrar-se após a Proclamação da República, intensificando-se ao longo do século XX. Neste processo, é marcante o afunilamento do controle da emergente grande mídia em torno das elites e do poder estatal, marcado por subvenções oriundas dos governos de plantão e o atrelamento publicitário cercado por interesses proporcionais ao tamanho das empresas e negócios com os quais a indústria midiática estabelece relações.

Trata-se de um legado que será construído ao longo da contemporaneidade, seja através dos meios legais, em uma regulamentação permissiva para com os cartéis e restritiva às iniciativas genuinamente populares; seja através das barreiras técnicas e econômicas, que dificultam a disputa justa pela audiência cada vez mais habituada a um sofisticado padrão técnico-estético que demanda altos investimentos. Diante da carência de uma ruptura significativa neste processo histórico, o contexto atual ainda é fruto da reprodução viciosa destas relações. E apesar de todos os esforços da sociedade civil organi-

zada em ampliar os espaços de sua participação, ainda imperam traços políticos que marcaram os primórdios da comunicação de massa no Brasil. O governo continua, como anunciante, financiando os maiores cartéis midiáticos brasileiros, que, por sua vez, continuam dividindo as maiores audiências, apesar da redução destes índices nas últimas duas décadas.

Em paralelo a este quadro enfadonho, eis que surge, ao final de 2007, a *Empresa Brasil de Comunicação* (EBC), tendo como carro-chefe a *TV Brasil*, uma televisão pública-estatal que hipoteticamente se proporia a romper com o modelo estatal vigente até então. O projeto busca desenvolver a possibilidade de controle e fiscalização da mídia pela sociedade civil, ofertando canais midiáticos de rádio e televisão genuinamente democráticos, nos quais supostamente será oferecida uma independência editorial distinta da praticada na rede estatal. No entanto, a demissão do jornalista Luiz Lobo<sup>1</sup>, poucos meses após a criação da EBC, devido a denúncias de intervenção editorial por parte do governo federal no seu programa, arrefeceu os ânimos e rapidamente trouxe à tona a fragilidade

<sup>1</sup> Lobo foi âncora e editor-chefe do *Repórter Brasil*, primeiro programa da rede pública-estatal.

\* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (FABICO/UFRGS). Atua na comunicação comunitária como colaborador junto à Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária do Rio Grande do Sul (ABRACO-RS) e radiocoms de Porto Alegre e Região Metropolitana. É membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade (CEPOS/UNISINOS). e-mail: rodrigojacobus@gmail.com



da proposta recém criada. Segundo Lobo, em matéria do jornal *Folha de São Paulo* de 7 de abril de 2008, o Planalto mantinha o controle do conteúdo das reportagens através da jornalista Jaqueline Paiva, mulher do também jornalista Nelson Breve, assessor de imprensa da Presidência da República.

Não é de se estranhar. Apesar da aparente intenção de dar início a uma rede midiática participativa, a base do modelo construído reproduz vícios comuns em iniciativas contaminadas pela construção cultural moldada sob influência da democracia liberal burguesa associada a um misto de tradição marxista (marcada pelo centralismo) e pelo estilo de um governo de tipo “melhorista”. Primeiro, sua concepção administrativa é verticalizada tanto externa quanto internamente, em uma iniciativa desencadeada e controlada pelo poder estatal desde o início da sua implantação, e mantida sob vigília através de participação vitalícia no tal conselho curador. Segundo, a representatividade da sociedade civil neste conselho curador enquanto órgão gestor do empreendimento apresenta inexpressividade similar aos pleitos “eleitoreiros” que demarcam a participação popular na política nacional. Além disso, as normas técnicas para produção e entrega de produtos audiovisuais para exibição na TV Brasil e demais canais de televi-

são da empresa, de um modo geral, são tecnicamente excludentes.

Quisera o governo realmente desenvolver uma política midiática ge-

**“Ao longo de seus oito anos no Planalto, o governo Lula pouco fez para desenvolver estes veículos de comunicação, cujas características parecem apontar um caminho mais participativo, libertador e autenticamente popular do que a rede pública-estatal proposta na sua administração”**

nuinamente democrática, teria investido no movimento em torno das rádios comunitárias, este sim oriun-

do do acirramento de reivindicações populares que culminaram na conquista de uma legislação medíocre desenvolvida sob pressão ainda no mandato de Fernando Henrique Cardoso. Ao longo de seus oito anos no Planalto, o governo Lula pouco fez para desenvolver estes veículos de comunicação, cujas características parecem apontar um caminho mais participativo, libertador e autenticamente popular do que a rede pública-estatal proposta na sua administração. Igualmente, os empecilhos promovidos pelo próprio Poder Executivo à realização da *I Conferência Nacional de Comunicação*, em 2009, apenas reforçam a evidência da má vontade política frente ao tema. A lei dedicada às rádios comunitárias continua precária e contraditória, bem como faltam recursos para o desenvolvimento técnico destas emissoras. No sentido contrário ao discurso demagógico de políticos hipócritas, emissoras autenticamente comunitárias, inclusive as outorgadas pelo governo, continuam sendo fechadas de modo arbitrário, sendo o exemplo mais recente o da Rádio Comunitária de Santa Cruz do Sul (RS). Enquanto isso, o usufruto indevido destes veículos públicos não-estatais, seja em “chapa-branquismos” descarados, seja para a manutenção dos privilégios de minorias ou grupos específicos, é ignorado pelas autoridades (in)competentes.

**PPGCC UNISINOS**  
Especialização • Mestrado • Doutorado

Fone: (51) 3591.11.22  
Ramal 1356

*Para a Compreensão da Economia Política da Teledramaturgia*



NÚCLEO DE ANÁLISE DA  
**TELEDRAMATURGIA**

[www.grupocepos.net/nat](http://www.grupocepos.net/nat)

**Contatos:**

[nat@grupocepos.net](mailto:nat@grupocepos.net)

[Val.bri@terra.com.br](mailto:Val.bri@terra.com.br)

[Kalikoske@hotmail.com](mailto:Kalikoske@hotmail.com)

## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) de 15-6-2010 a 20-6-2010.**



**Agrotóxicos. Um problema brasileiro**  
Entrevista com Jean Remy Davée Guimarães, bi-  
ofísico, professor da UFRR  
Confira nas Notícias do Dia de 15-06-2010  
Disponível no link <http://migre.me/Q3NE>

Um mal necessário. Assim são os agrotóxicos, frutos da indústria química e utilizados em larga escala no último século. Para o pesquisador, além de ser uma questão científica e técnica, o uso de pesticidas é, também, uma discussão cultural e política.



**Liberdade de expressão x liberdade de imprensa**  
Entrevista com Venício Lima, sociólogo da  
UFMG  
Confira nas Notícias do Dia de 16-06-2010

Disponível no link <http://migre.me/Q3T0>

As diferenças entre liberdade de expressão e de imprensa fazem parte dos principais debates e anseios da comunicação do Brasil. Venício também reflete sobre o processo de democratização dos meios de comunicação e como a Internet se insere nessa problemática.

**O meio ambiente paranaense em alerta**

Entrevista com Ana Claudia Muller, pesquisadora do Ipardes  
Confira nas Notícias do Dia de 17-06-2010  
Disponível no link <http://migre.me/Q3V5>

“A exploração dos recursos naturais para usos agrícolas e pecuários certamente é um dos principais agentes no processo de destruição da vegetação original do Paraná”. Ela analisa por que o Paraná mantém apenas 12% de sua vegetação original.



**“A Reforma Agrária hoje ainda é necessária”**

Entrevista com Sérgio Pereira Leite, ci-  
entista social, professor da UFRRJ

Confira nas Notícias do Dia de 18-06-2010

Disponível no link <http://migre.me/Q3ZX>

Não basta somente pensar a Reforma Agrária como política de combate à pobreza, mas também é fundamental pensar nela como uma política de desenvolvimento e como uma política de combate à desigualdade social, afirma Leite.

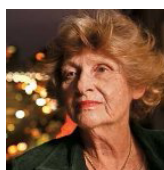


**Um jornalismo cidadão para o Guajuviras**

Entrevista com Christa Berger, doutora em  
Comunicação, professora da Unisinos  
Confira nas Notícias do Dia de 19-06-2010

Disponível no link <http://migre.me/R0xe>

Um dos bairros mais violentos do país, o Guajuviras, em Canoas/RS, vai receber o primeiro projeto do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania, que visa integrar comunicação e cidadania para que a identidade violenta do bairro seja transformada com boas notícias. Será um observatório de comunicação cidadã, a Agência da Boa Notícia.



**Por uma economia baseada no conhecimento da natureza**

Entrevista com Bertha Becker, geógrafa e  
historiadora, pesquisadora da Agência Na-  
cional de Águas

Confira nas Notícias do Dia de 20-06-2010

Disponível no link <http://migre.me/R0Ay>

A economia baseada no conhecimento da natureza é aquela que utiliza a natureza sem destruir todas as suas potencialidades e diversificação. O primeiro critério para se efetivar essa economia a partir do conhecimento da natureza é usá-la destruindo o mínimo possível.

# www.ihu.unisinos.br



# IHU

ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista



# XI SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU: O (DES)GOVERNO BIOPOLÍTICO DA VIDA HUMANA

**13 a 16 de setembro de 2010**

Informações e inscrições: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

ou Central de Relacionamento Unisinos - (51) 3591 1122

Local: Unisinos • Anfiteatro Pe. Werner • Av. Unisinos, 950 • São Leopoldo • RS

Apoio:



Promoção:



# Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.  
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

| Dia 23/6/2010                                                                                                                             |  |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
| Evento: Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana |  |
| Palestrante: Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz - Unisinos                                                                                   |  |
| Tema: Lévinas e o pensamento do outro                                                                                                     |  |
| Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU                                                                                        |  |
| Horário: 19h30min às 22h                                                                                                                  |  |
| Dia 24/6/2010                                                                                                                             |  |
| Evento: IHU ideias                                                                                                                        |  |
| Palestrante: Profa. Dra. Maria Eunice Maciel - UFRGS                                                                                      |  |
| Tema: Sepé: mito e lenda do sul do Brasil                                                                                                 |  |
| Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU                                                                                        |  |
| Horário: 17h30min às 19h                                                                                                                  |  |

## SEMINÁRIO JOGUE ROAYVU: HISTÓRIA E HISTÓRIAS DOS GUARANI

DATA DE INÍCIO: 12/08/2010 DATA DE TÉRMINO: 14/10/2010

INFORMAÇÕES EM [WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)

# Eventos

## Alteridade, dimensão primeira do sujeito

A filosofia de Lévinas considera o outro como medida para nossas ações. De acordo com o filósofo Castor Ruiz, precisamos pensar a construção de uma “cultura da alteridade”, na qual a responsabilidade pelo outro seja um componente ético de nosso cotidiano

POR MÁRCIA JUNGES

“**A** ética é muito mais do que um código moral ou princípios formais de ação. A ética é a relação primeira, a abertura necessária para o outro. Por isso Lévinas afirma que a ética é a metafísica primeira”. A análise é do filósofo Castor Ruiz, em entrevista exclusiva que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. O outro deve ser sempre a medida para as nossas ações: “A grandeza de cada sujeito se mostrará na capacidade de responsabilidade pelo outro”. E completa: “Para Lévinas, a dimensão primeira do sujeito é sua abertura para alteridade. Pela abertura, constitui-se o sujeito, sempre em relação ao outro”. Na filosofia desse pensador, liberdade é a que se concretiza “como responsabilidade pelo outro”.

O tema estará em debate nesta quarta-feira, 23 de junho, no Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**, cuja programação está disponível em <http://migre.me/Q82V>. Castor é graduado em Filosofia pela Universidade de Comillas, na Espanha, mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e doutor em Filosofia pela Universidade de Deusto, Espanha. É pós-doutor pelo Conselho Superior de Investigações Científicas. Professor nos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos, escreveu inúmeras obras, das quais destacamos: *As encruzilhadas do humanismo. A subjetividade e alteridade ante os dilemas do poder ético* (Petrópolis: Vozes, 2006); *Propiedad o alteridad, un dilema de los derechos humanos* (Bilbao: Universidad de Deusto, 2006), *Os Labirintos do Poder. O poder (do) simbólico e os modos de subjetivação* (Porto Alegre: Escritos, 2004) e *Os Paradoxos do Imaginário* (São Leopoldo: Unisinos, 2003). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como alteridade e subjetividade se colocam na problemática filosófica de Lévinas?**

**Castor Ruiz** - Lévinas, contrariando a modernidade, não pensa o eu como um dado natural. O eu não existe como

uma essência natural herdada, com uma vontade e uma liberdade já dadas pela sua natureza. Para Lévinas, a dimensão primeira do sujeito é sua abertura para alteridade. Pela abertura, constitui-se o sujeito, sempre em relação ao outro. A abertura para alteridade é condição de possibilidade do ser do sujeito, sem ela, nós não seríamos humanos. Seríamos outra espécie viva, mas não humanos. A alteridade, enquanto relação primeira, é constitutiva da subjetividade.

Não existe um eu natural. O eu de cada sujeito é constituído desde o primeiro momento de sua existência pela

relação com a alteridade. Aquilo que eu sou como sujeito é o resultado histórico da relação com os outros ao longo da minha existência. A abertura para alteridade é prévia à minha vontade, ela é condição necessária da subjetividade. Eu não sou livre para decidir sobre a minha abertura para o outro, a alteridade me é oferecida como necessária. Neste sentido que Lévinas diz que a alteridade é metafísica.

A alteridade é uma abertura que existe sempre como relação com o outro. A relação me constitui sujeito e na relação me constituo como sujeito. Lévi-

<sup>1</sup> Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo e comentador talmúdico lituano, naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo* o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza seu pensamento. Escreveu, entre outros, *Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 2000). Sobre o filósofo, conferir a edição número 277 da **IHU On-Line**, de 14-10-2008, intitulada *Lévinas e a majestade do Outro*, disponível para download em <http://migre.me/Dsy6>. (Nota da **IHU On-Line**)

nas denomina essa relação da alteridade de ética. A ética é muito mais do que um código moral ou princípios formais de ação. A ética é a relação primeira, a abertura necessária para o outro. Por isso Lévinas afirma que a ética é a metafísica primeira.

### Metafísica levinasiana

Porém, o sentido em que Lévinas utiliza o termo metafísica é muito peculiar. Lévinas contrapõe metafísica a ontologia. Entende por ontologia todas as formas de pensamento que reduzem a singularidade da alteridade a um conceito ou categoria universal, a uma totalidade. Cada vez que tentamos conceitualizar a alteridade num universal, a negamos naquilo que tem de peculiar: sua singularidade, sua diferença, sua transcendência. Para Lévinas, a filosofia ocidental em geral e a modernidade em particular se caracterizam por ter efetuado um reducionismo ontológico da alteridade a categorias racionais. A ontologização da alteridade produz a falsa ilusão de conhecer o outro sob categorias universais ou conceitos gerais. Ao universalizar, negamos a singularidade de cada sujeito e aniquilamos a dimensão de alteridade, fazemos dele uma totalidade.

A alteridade é, por princípio, irreduzível ao conceito, inexaurível em categorias. A alteridade é singularidade, diferença. Por isso, poderíamos denominar a metafísica que Lévinas propõe de “metafísica da diferença”. A aparência paradoxal dos termos reflete uma tensão irreduzível na alteridade. Sendo condição necessária do sujeito, existe de forma única e singular. Há um fundo trágico, não niilista, nessa tensão.

A abertura para o outro me constitui como diferente. Essa diferença se mantém porque, na relação, há uma transcendência inerente à alteridade. Cada vez que tentamos anular a relação de transcendência com o outro, provocamos sua assimilação a um conceito por mim elaborado. O outro nunca pode ser reduzido a conhecimento, sem anulá-lo. Quando penso que conheço o outro, não fiz nada mais do que reduzi-lo a meu conceito (no mesmo), anulando-o em minhas categorias. O outro sempre pode ser diferente, por isso é inexaurível. Lé-

**“O outro foi reduzido a um competidor de quem devo defender-me ou a um cliente de quem posso aproveitar-me.**

**O individualismo retirou o senso de responsabilidade ética pelo outro e o transferiu para instâncias abstratas (ontologizadas), o Estado”**

vinas utiliza a categoria de Infinito para aproximar-nos à compreensão (sem nunca explicar) a inexauribilidade da alteridade humana. O Infinito nos constitui e nos tensiona na abertura por ser.

**IHU On-Line - Como Lévinas pode contribuir para a construção dos pilares de uma ética voltada para o Outro, mas que considere, ao mesmo tempo, a autonomia do sujeito?**

**Castor Ruiz** - A relação com outro, a despeito do que a modernidade preconiza, não é uma opção da vontade livre do sujeito, mas a condição que constitui o modo de ser dessa vontade. A relação com o outro, que é prévia à minha vontade, me interpela. Toda relação é interpelação. Ela me afeta em muitos sentidos, me enriquece e me desafia. A interpelação, ainda prévia à minha liberdade, me responsabiliza especialmente quando o outro é necessitado. A responsabilidade pelo outro aparece para mim na relação antes que eu possa evitá-la. Uma vez responsabilizado tenho que dar uma resposta. Não posso evitar a resposta.

Então, em que consiste a liberdade para Lévinas? Liberdade é o modo como eu justifico a minha resposta à interpelação da relação. Posso virar o rosto, me omitir, até me aproveitar da necessidade

do outro, mas, em todas as hipóteses, eu estarei dando uma resposta à interpelação do outro. Por isso, para Lévinas, a verdadeira liberdade é aquela que se realiza como responsabilidade pelo outro. Ou seja, a plena liberdade se realiza como justiça. Justiça é justificação de minha liberdade responsável aos apelos do outro. A liberdade que não se justifica na forma de justiça, é uma liberdade vazia, “ego-ista”. Em todos os casos, a liberdade existe como liberdade interpelada. A liberdade natural, tal como a modernidade a formulou, é uma categoria ontológica inexistente. Um mito. Só existe a liberdade histórica, a liberdade interpelada pelas relações do sujeito.

A abertura ética da alteridade não define que tipo de responsabilidade eu devo assumir. Não é possível aferir princípios universais, categorias lógicas ou axiomas morais para agir corretamente. A alteridade é uma abertura que desafia o sujeito a responder em cada situação aos apelos concretos do outro. A grandeza de cada sujeito se mostrará na capacidade de responsabilidade pelo outro. Mas não está dito nem mandado por ninguém qual o código de normas a cumprir nem os princípios racionais a seguir nessa resposta. O sujeito deverá decidir em cada situação.

**IHU On-Line - Em que aspectos o pensamento de Lévinas pode oferecer alternativas para o relativismo moral de nosso tempo?**

**Castor Ruiz** - Uma das características de nosso tempo é a perda de fundamentação última dos valores. Neste sentido, a “acusação” de Nietzsche<sup>2</sup> de que nós

<sup>2</sup> Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em <http://migre.me/s7BB>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”, disponível para download em <http://>



matamos a Deus se cumpre. A falta de um fundamento último, universal e necessário para os valores e códigos morais, pode nos deslizar para um relativismo permissivista onde tudo se tolera porque nada pode ser proposto como verdade moral. Como paliativo a tal relativismo se invoca a necessidade do consenso procedimental que deve definir o que é bom e justo pela maioria.

Para Lévinas, a alteridade humana não oferece princípios transcendentais nem conceitos universais ou axiomas lógicos que nos possibilitem fundamentar racionalmente a ética. Em todas essas hipóteses, opera-se uma ontologização da alteridade, uma redução do infinito humano ao conceito. Contudo, a alteridade humana opera como limiar ético necessário. Ninguém pode se omitir da relação com outro. A alteridade aparece, então, como epifania, manifestação do outro na sua dignidade. A alteridade humana se apresenta como o horizonte ético necessário da ação. Consequentemente, ela se propõe como critério ético que avalia o bem e justiça de nossos atos.

A alteridade humana não propõe um código fixo de valores, nem princípios abstratos a seguir. Ela não diz o que fazer, mas se oferece como horizonte e limiar ético de nossa ação. Como defender, promover, ajudar, impulsionar a alteridade humana é algo aberto a cada circunstância. A abertura para outro me deixa a responsabilidade de decidir, em cada circunstância, o melhor meio de fazer. Porém, me coloca um critério ético intransponível para além do qual só existe a barbárie, a violência. Transgredir a alteridade humana como critério ético

[migre.me/s7BH](http://migre.me/s7BH). A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://migre.me/s7BU>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da Revista IHU On-Line, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://migre.me/Jzvg>. (Nota da IHU On-Line)

significa entrar no campo da violência. Daí que a alteridade se apresente como critério ético regulador da ação e concomitantemente deixe a responsabilidade dos sujeitos decidir como agir.

**IHU On-Line - Em que aspectos o mundo pode ser diferente a partir da concepção do outro como um ser que merece respeito e consideração?**

**Castor Ruiz** - Vivemos uma cultura do eu que cultua o individualismo como uma essência natural. Nossa sociedade naturalizou o interesse próprio e o tornou uma categoria política que regula as relações sociais sob a forma de competição contra o outro (mercado capitalista). A procura da vantagem individual se tornou um princípio ético do utilitarismo dominante. O outro foi reduzido a um competidor de quem devo defender-me ou a um cliente de quem posso aproveitar-me. O individualismo retirou o senso de responsabilidade ética pelo outro e o transferiu para instâncias abstratas (ontologizadas), o Estado.

Pensarmos uma sociedade e uma cultura a partir da alteridade humana implicaria, em primeiro lugar, pensar que o outro não é alguém que limita a liberdade, como reza o liberalismo, mas que minha liberdade se expande a partir da liberdade do outro. A relação com o outro me constitui como sujeito e me ajuda a crescer humanamente.

Temos que pensar na viabilidade de constituirmos uma cultura da alteridade, onde a responsabilidade pelo outro seja um componente ético de nosso relacionamento cotidiano. Onde a grandeza de uma pessoa se meça pela responsabilidade que vive, e não pelo lucro que teve. Não podemos transferir para instâncias formais a interpeção do outro, sob pena de fazer de cada relação humana uma forma de contrato social. Eu sou responsável, em primeira instância, pelo outro que me interpela.

Estamos, cada vez mais, reduzindo a relação com o outro à norma jurídica, isso denota o grau de individualismo a que estamos chegando. O direito é, em primeiro lugar, direito do outro. É o direito que reconheço no outro, assim como meu direito é um direito reconhecido pelos outros. De igual forma, temos

que pensar uma justiça a partir das vítimas, e não uma justiça identificada com os procedimentos. Fazer justiça não é cumprir a lei e preservar a ordem, mas restaurar a injustiça das vítimas. A vítima é a alteridade negada na injustiça, e a justiça tem que se voltar para a vítima o critério do justo, e não às normas procedimentais.

**IHU On-Line - No campo político, especificamente na democracia, como essa filosofia pode auxiliar a desenvolver o respeito pelas singularidades?**

**Castor Ruiz** - Constituir uma sociedade a partir da alteridade humana tem um impacto sobre as instituições e as relações sociais. Destaco brevemente o aspecto da violência. Ainda que o pensamento de Lévinas seja metafísico, uma das preocupações mais claras é sua relação com a violência. Lévinas mostra como toda ontologia provoca um tipo de violência sobre o outro. O outro reduzido a conceito perde a capacidade de mostrar-se na singularidade do rosto próprio. Uma vez reduzido a conceito, fica fácil intervir sobre o outro de forma útil, instrumental e até violenta. Por sua vez, toda violência tem como condição de possibilidade a redução do outro à totalidade ontológica. Quando eu reconheço no outro um rosto singular, sua alteridade, minha possibilidade de violentá-lo, se esvai. Pelo contrário, quando o outro é só um número, uma estatística, uma imagem ou uma abstração (todas elas formas de ontologia), fica muito mais fácil intervir sobre ele de forma instrumental e até violenta.

Lévinas se pergunta como a cultura ocidental e suas sociedades tão civilizadas foram e são tão violentas. Onde a civilização ocidental aterrissou, a violência (a barbárie) foi junto. Seu diagnóstico aponta ao fato de que a filosofia ocidental se caracteriza por ter criado uma cultura da ontologia, onde a alteridade humana é constantemente assimilada em categorias de totalidade. Toda forma de totalidade ontológica abre a porta para implementar práticas de totalitarismo político. Pensarmos uma cultura não violenta nos desafia a criarmos uma cultura da alteridade em que nos tornemos responsáveis pelo outro em primeira instância.

## Sepé, um emblema que ultrapassa fronteiras

Figura plástica que simboliza resistência, Sepé Tiaraju vai além do Rio Grande do Sul, afirma a antropóloga Maria Eunice Maciel. Paradoxalmente, tem sido evocado para representar tanto os trabalhadores sem terra, quanto ruralistas

POR MÁRCIA JUNGES E PATRICIA FACHIN

**U**m emblema muito forte, de nossa terra, que faz parte do processo identitário do Rio Grande do Sul. Assim é Sepé Tiaraju, que ultrapassa fronteiras, analisa a antropóloga Maria Eunice Maciel, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. “A bravura de Sepé vai além do Rio Grande do Sul. Ele pode (e está sendo) usado em lutas onde se enfrentam forças desiguais”, disse na entrevista que concedeu, com exclusividade, por e-mail, à IHU On-Line. Por outro lado, destaca, “a figura de Sepé é plástica”, pois simboliza “resistência tanto por parte dos trabalhadores sem terra, como para os ruralistas”.

Graduada em Ciências Sociais e especialista em História do Rio Grande do Sul pela UFRGS, Maria Eunice Maciel é especialista, também, em Antropologia Social pela Universidade de Paris. Kursou mestrado em Antropologia Social pela UFRGS e doutorado na Universidade de Paris com a tese *Le gaúcho bresilien - identite culturelle dans le Sud du Bresil*. De sua produção bibliográfica, destacamos *O lugar comum da diferença* (Porto Alegre: UFRGS, 2009) e *Temas em cultura e alimentação* (Aracaju: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2007). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Sepé Tiaraju é interpretado como símbolo de resistência por alguns pesquisadores, e como mito, por outros. Como a senhora o define e o caracteriza?**

**Maria Eunice de Souza Maciel** - Colocaria diferente. A figura de Sepé é plástica, ou seja, é símbolo de resistência tanto por parte dos trabalhadores sem terra, como para os ruralistas. Os trabalhadores o representam enquanto o guerreiro, aquele que luta contra um poder muito maior do que ele. Já os ruralistas se apropriam de uma frase atribuída à Sepé: “esta terra tem dono”.

O símbolo é arbitrário. Ele vai simbolizar aquilo que o grupo quiser que ele represente. Porém, não há dúvida que a identificação com os trabalhadores sem terra é a que restou hoje. Embora alguns ruralistas ainda se reivindicuem do dístico (às vezes), Sepé permaneceu como um símbolo de resistência, uma figura emblemática. Sepé é um emblema muito forte. Já mito, (di-

ferentemente do senso comum que o tem como sinônimo de falsidade) para a antropologia é uma narrativa significativa, particular, de um determinado grupo, como por exemplo, os mitos de origem. Eles dão conta, organizam o mundo. Assim, não está em questão falsidade ou não.

**IHU On-Line - Como a figura de Sepé Tiaraju se insere na história do Rio Grande do Sul? Qual a influência dele para a construção da história gaúcha?**

**Maria Eunice de Souza Maciel** - A figura de Sepé Tiaraju, assim como a epopeia jesuítica das Missões, se incluem com destaque na história do nosso Estado. Há algum tempo atrás, ainda havia aqueles que discutiam “para quem” eles lutavam, argumentando até mesmo que Sepé teria lutado ao lado “dos espanhóis”. Hoje esta discussão está (ainda bem) tão deslocada que parece risível. A perspectiva que temos atualmente é ver a construção

de uma sociedade como um processo. E nele, podemos ver Sepé como protagonista de um momento muito especial e um dos emblemas identitários. É importante salientar que hoje ele, enquanto emblema, ultrapassa as fronteiras. A bravura de Sepé vai além do Rio Grande do Sul. Ele pode (e está sendo) usado em lutas onde se enfrentam forças desiguais.

**IHU On-Line - Qual é a contribuição de Sepé Tiaraju para a construção da cultura gaúcha?**

**Maria Eunice de Souza Maciel** - Eu diria que ele é uma figura emblemática desta terra. Sepé representa aquilo que os gaúchos querem que os outros pensem sobre eles. Assim, faz parte do processo identitário riograndense.

**IHU On-Line - Como entende a apropriação das lutas de Sepé pela cultura gaúcha?**

**Maria Eunice de Souza Maciel** - Trata-se do processo de construção de uma

identidade. E identidade se refere àquilo que inclui e exclui. Assim, na construção da figura emblemática que representa esta terra - o gaúcho - são evocados os indígenas como antepassados e, entre eles, a figura de Sepé.

**IHU On-Line - Sepé é aclamado entre os indígenas, mas seu reconhecimento e admiração se estendem também ao povo gaúcho. A que atribuir esse fenômeno?**

**Maria Eunice de Souza Maciel** - Ele é aclamado entre os indígenas? Eu não sei. Os guarani que conheço não sabem quem é ele. Mas meu conhecimento e de poucas aldeias, não é significativo como amostra. Também pelos kaingang? Acho melhor perguntar para um especialista em sociedades indígenas.

**IHU On-Line - Como a imagem de Sepé, enquanto herói indígena, se manifesta no imaginário do povo gaúcho?**

**Maria Eunice de Souza Maciel** - Enquanto imagem de bravura ele pode se identificar com outra figura: a do gaúcho. É interessante lembrar que na construção da figura do gaúcho entram sempre elementos do índio. Mas de um indígena idealizado, um índio "lendário". O índio real, atual, com seus inúmeros problemas, o maior deles, de terras, é deixado de lado. Ou seja, me perdoem se a frase é forte, mas para estas pessoas que endeusam Sepé e não querem saber de seus descendentes, "índio bom é índio morto". A imagem de Sepé em seu cavalo é uma imagem forte, leva à identificação. A imagem dos indígenas atuais (guaranis ou não) é de miséria. Pergunto se não há muito de hipocrisia nisso.

#### LEIA MAIS...

>> Maria Eunice de Souza Maciel já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line:

\* *Pelos caminhos do gauchismo*. Notícias do Dia 14-09-2006, disponível para download em <http://migre.me/R2LN>

\* *A cozinha e seus mitos*. Edição 172 da Revista IHU On-Line, de 20-03-2006, disponível para download em <http://migre.me/R207>

## CONFIRA OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS  
NA PÁGINA ELETRÔNICA  
[WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)

## IHU Repórter

## Maria Cristina Bohn Martins

POR PATRICIA FACHIN | FOTO ARQUIVO PESSOAL

Serena e de voz tranquila, Maria Cristina Bohn Martins, professora do curso de História, exerce a profissão aprendida com o pai. Há 25 anos na instituição, ela acompanhou, como aluna e, depois, como professora, a consolidação do curso de pós-graduação em História e se orgulha de fazer parte deste projeto. Na entrevista a seguir, ela conta alguns aspectos de sua trajetória acadêmica, fala da família e da admiração pela universidade. Confira.



**Origens** - Nasci em Torres, num domingo de carnaval. O parto da minha mãe estava previsto para abril, mas nasci no início de fevereiro. Meu pai contava que eu era muito pequena e que, diante da ausência de um enxoval para mim no litoral - eles estavam passando as férias na cidade -, meu primeiro berço foi improvisado em uma caixinha de uva de dois quilos. Eles a forraram e a usaram como berço até que retornássemos para Hamburgo Velho. Algumas das boas memórias da minha infância são das viagens para o litoral.

Meus três irmãos mais velhos nasceram em Hamburgo Velho. Meus pais viveram na cidade até a década de 60, quando então vieram para São Leopoldo. Nessa segunda fase da vida deles, nasceram minha irmã mais nova e eu. Meu pai veio para São Leopoldo para trabalhar no SENAI; ele foi professor a vida inteira. Ele sempre foi minha grande referência: amoroso, dedicado, correto e muito amado por todos que o conheceram. Faleceu em junho do ano passado e todos os familiares tinham doces lembranças dele. Somos 5 irmãos de diferentes profissões: um dentista, um engenheiro, uma advoga-

da e duas professoras. Minha mãe sempre foi dona de casa; se casou aos 16 anos e com 20 vinte já tinha 3 filhos. Ela está enfrentando com coragem a recente viuvez depois de um casamento de 60 anos!

**Estudos** - Me dei conta, no segundo grau, de que gostava de estudar temas que envolvessem História e Antropologia. A escolha pela Unisinos para cursar a Universidade foi muito tranquila. Eu era muito jovem, pouco dada a aventuras e nem pensei em estudar longe de casa. Olhando a “cartela” de ofertas da Universidade me decidi por cursar Licenciatura em História, em 1978. Nesse momento, não tinha ideia de que queria ser professora; sabia apenas que gostava de estudar História. Contudo, acho que fiz a melhor escolha da minha vida porque sou uma professora muito identificada com a profissão; adoro lecionar.

Os meus professores universitários não eram pesquisadores, com exceção da professora Helga Pícolo. A pesquisa ainda não tinha a institucionalização que tem hoje. Justamente no momento em que comecei a lecionar na Uni-

sinos, a pós-graduação começou a se consolidar no Rio Grande do Sul, e a pesquisa e o ensino, então, passaram a ser duas partes inseparáveis da vida de um professor universitário.

A minha primeira professora foi a melhor e também a mais importante: Beatriz Franzen. Ela foi e é uma referência ética e profissional. Como colegas viemos a ser muito amigas, mas naquela época a relação entre alunos e professores era mais formal. Também fui aluna do professor José Alberto Baldissera, uma figura marcante na formação de qualquer aluno do curso de História. Diria que os professores Helga, a Betriz e o Baldissera definiram o que era este curso nos anos em que eu o frequentei. Também havia outros professores, de outras licenciaturas, que foram muito significativos para a história da universidade e foram importantes para a minha formação como, por exemplo, a professora Janira Silva, que sempre foi uma das vozes mais autorizadas da universidade no campo da Pedagogia. As professoras Lia Becker, Mariazinha Beck Bohn que hoje estão aposentadas, também foram figuras importantes. Aliás, quero dizer que, no caminho da minha titula-



ção a professora Marizinha, juntamente com os padres Wetzel e Malmann foram essenciais pelo apoio concedido. Sou e serei sempre muito reconhecida a eles por isto.

**Trajetória profissional** - Meu pai empenhou-se para que nós não trabalhássemos ao mesmo tempo em que estudávamos. Então, só comecei a lecionar no último ano da faculdade, no Colégio São Luiz, que naquela época pertencia a uma congregação italiana de religiosos pavonianos. Quando estava trabalhando no colégio, em 1986, a professora Beatriz Franzen me telefonou convidando para lecionar no Ciclo Básico, na universidade. Acho que foi em função de eu ter sido uma aluna bastante dedicada uma vez que, como disse, tinha condições de me dedicar integralmente aos estudos. Neste mesmo ano, depois de um namoro rápido, me casei. Meu marido trabalha com máquinas e implementos agrícolas, e suas preocupações passam muito longe daquelas do mundo acadêmico que me ocupam. Mas ele sempre me apoiou incondicionalmente, mesmo quando o caminho da qualificação profissional me tornava quase ausente de casa. Este respeito, entre outras coisas, permitem que vivamos um casamento muito feliz nestes quase 25 anos! Depois de tanto tempo posso dizer que com ele eu começaria tudo de novo.

O convite de atuar como professora na universidade ficou atrelado ao compromisso de fazer o mestrado. De todos os professores, apenas a professora Helga tinha doutorado, e o professor Elmar Jonas Manique era mestre. No estado, havia um único curso de Pós-Graduação consolidado, na PUC. A Unisinos, numa ação pioneira da professora Beatriz Franzen, ofereceu seu primeiro curso de Pós-Graduação em História e, em 1987, tornei-me aluna de curso. Tivemos como professores o padre Pedro Ignácio Schmitz<sup>1</sup>, o profes-

sor Melià<sup>2</sup>, que era professor visitante, o professor Rushel, e o padre Wetzel<sup>3</sup>, que tinha sido reitor da universidade. Os outros professores eram convidados de outras instituições, porque a Unisinos não tinha o quadro de professores com a alta qualificação que tem hoje. Esses 25 anos mudaram, impressionantemente, o perfil da universidade. Quando me dou conta dessa trajetória, percebo que mais da metade da minha vida eu passei na Unisinos.

Participei de uma etapa de um concurso na universidade federal com boas condições de aprovação. Ele era para a minha área (História da América), eram poucos candidatos, eu já era doutoranda e tinha um currículo sólido. Não fui até o fim do concurso porque não consegui romper esse laço com a universidade. Não consegui me ver fazendo parte de outro projeto. Nunca me arrependi disso porque gosto muito do que faço na Unisinos e me sinto parte dela e do curso de História.

[gre.me/R0QO](http://gre.me/R0QO), também a entrevista concedida na edição número 183, de 19-6-2006, intitulada *Os primeiros usos da araucária*, em <http://migre.me/RORP>. Sua entrevista mais recente concedida à IHU On-Line foi à edição 331, de 31-05-2010, intitulada *Uma história marcada por lutas e resistências*, disponível em <http://migre.me/R0V2>. (Nota da IHU On-Line)

2 Bartomeu Melià: jesuíta espanhol Bartolomeu Melià, pesquisador do Centro de Estudos Paraguaio Antonio Guasch e do Instituto de Estudos Humanísticos e Filosóficos. Sempre se dedicou ao estudo da língua guarani e à cultura paraguaia. Doutor em ciências religiosas pela Universidade de Estrasburgo, acompanhou e conviveu com os indígenas Guarani, Kaingangue e Enawenê-nawé, no Paraguai e no Brasil. É membro da Comissão Nacional de Bilinguismo, da Academia Paraguaia da Língua Espanhola e da Academia Paraguaia de História. Entre suas publicações, citamos *El don, la venganza y otras formas de economia* (Assunção: Cepag, 2004). Confira a entrevista As missões jesuíticas nos sete povos das missões, concedida por Melià à edição 196 da Revista IHU On-Line, de 18-09-2006, disponível em <http://migre.me/vMqU>. Na noite de 26-10-2010 Melià profere a conferência *A cosmologia indígena e a religião cristã: encontros e desencontros de universos simbólicos, dentro da programação do XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missionária: território, cultura e identidade*. Confira a programação completa do evento em <http://migre.me/vMs5>. Confira, na edição 331 uma entrevista com Melià, intitulada *A história de um guarani é a história de suas palavras*, disponível em <http://migre.me/MqPH>. (Nota da IHU On-Line)

3 Herbert Ewald Wetzel: padre jesuíta, reitor da Unisinos de 1982 a 1985. (Nota da IHU On-Line)

**Filhos** - Tenho dois filhos muito amados e que são a melhor parte da minha vida. O Eduardo tem 19 anos e é estudante do curso de Direito, na Unisinos. Ele nasceu quando eu estava finalizando o mestrado, em 1991. Hoje, trabalha com meu esposo. Ele gosta muito de surf e de futebol. Como eu é um gremista apaixonadíssimo, apesar do pai ser colorado! A Rafaela nasceu em 1995, quando eu estava começando o doutorado. Ela tem 16 anos, é uma menina linda, corajosa, positiva e determinada. Uma série de características que me faltam, percebo nela. Não sou tímida, mas me movimento mais lentamente e a determinação dela, a coragem diante dos desafios me emociona. Ela está cursando o segundo ano no Colégio Sinodal, mas ainda não tem nenhuma definição vocacional.

**Família** - Minha família é muito unida. Meus filhos cresceram com os avós, primos e tios sempre próximos. Minhas irmãs são minhas melhores amigas e os laços que nos unem são muito fortes.

**Lazer** - Há três anos parei de fumar. Junto com essa decisão agreguei outra: tentar trazer um pouco de qualidade à minha vida no campo da saúde. Então, passei a caminhar e a correr. Isso me dá tremendo prazer e muita energia. Também passei a frequentar a academia, onde pratico pilates junto com minha mãe. Esse é um momento da semana em que aproveito para ficar com ela. Gosto de cinema, leitura e televisão.

Tenho muitos amigos. Algumas de longuíssima data, da adolescência. Nos tornamos "comadres", sendo madrinhas dos filhos umas das outras. Por sua vez, as crianças cresceram juntas e se sentem compondo uma mesma família... Tenho também outro grupo de amigas, todas mulheres, que se reúne para celebrar os aniversários do mês, para um ou outro *happy hour* e alguns passeios. Vamos à Rivera, ou para alguma praia, "jogar conversa fora", cantar e dançar, enfim, descontraí-las. Meu esposo e eu também fizemos parte de um grupo de amigos que se reúne regularmente para jogar carta e comer pizza.

Gosto muito de ir para a casa da praia. É o lugar em que me sinto mais feliz porque fico próxima dos meus filhos e meus irmãos. Nesse momento, a vida familiar fica muito intensa.

**Religião** - Fui educada em uma família católica e bastante religiosa. Hoje me percebo, repetindo para os meus filhos os conselhos e as orientações que recebi dos meus pais e cobro deles os valores éticos e morais que estão sedimentados nesta formação religiosa e no pertencimento a uma igreja.

**Sonho** - Neste momento os sonhos mais importantes são aqueles que dizem respeito ao Eduardo e a Rafaela. Quero vê-los se estabelecerem como adultos felizes, saudáveis, eticamente comprometidos, afetivamente resolvidos, amados, amorosos e com um bom futuro profissional.

Desejo que meu marido e eu ainda possamos sonhar juntos, aproveitar a vida e continuar tendo uma relação sólida e respeitosa.

**Unisinos** - É difícil falar da universidade sem ser saudosista. A Unisinos de hoje apresenta avanços notáveis em relação àquela em que eu estudei e comecei a trabalhar. A universidade alcançou o perfil de excelência acadêmica que se comprometeu a ter. Não é à toa que pela segunda vez ela é escolhida a melhor universidade particular do sul do país. É evidente o impacto e a força que isso representa para uma instituição que assumiu, efetivamente, esta tripla dimensão: ensino, pesquisa e extensão. Não há como deixar de reconhecer e apontar este amadurecimento, o reconhecimento que obtivemos em nível nacional, e nem como não se or-

gular de fazer parte disto.

Fui uma estudante que começou sua vida acadêmica na antiga sede e integrante de uma das primeiras turmas que se mudou para o câmpus, quando ele ainda era um canteiro de obras. Sob esse outro aspecto, é rico observar a consolidação deste espaço. Das universidades que conheço no Brasil, essa é a mais bonita, convidativa e agradável. Às vezes, envolvidos em nossas tantas atividades cotidianas não nos apercebemos disto, ou não usufruímos desta qualidade tal como seria desejável.

Mas, não há como deixar de ter saudades de uma outra Unisinos, em que as relações eram mais próximas. As carreiras dos professores não eram tão competitivas. Nosso encaminhamento profissional criou a necessidade de uma eficiência e desempenho, que são constantemente mensurados, avaliados e, que, embora acrescentam qualidade para a instituição e méritos para as carreiras individuais, também determinam um aumento do individualismo porque passamos a ser todos, de alguma maneira, medidos uns pelo desempenho dos outros. Não estou dizendo que isso desqualifique as relações, mas é inegável que as transforma. A intensidade do trabalho e a enorme demanda diária também não nos deixa espaço para atividades de sociabilidade e de troca.

Mais marcante que isso, é o fato de que era mais fácil, nos anos 90, nos sentirmos convidados a participar de um projeto coletivo. Esse senso de que estávamos construindo, juntos e, que éramos, coletivamente responsáveis por esta construção, era mais perceptível naquele momento. Recordo que nossa primeira co-

ordenadora, Professora Beatriz Franzen, costumava reunir-se conosco (e não apenas nas situações formais de Colegiado) para avaliar e planejar cada passo importante do PPGH. Embora o reitor, constantemente, reforce esse convite e sinalize para os professores a importância de que nos sintamos assim partícipes, às vezes, não é tão fácil, até pelo perfil que a gestão da universidade assumiu.

Outra sensação que acompanha os professores atualmente é de que estamos sempre em “regime de urgência”. As demandas são tantas, que por mais que nos esforcemos, elas nunca são atendidas na medida e velocidade requeridas. Não conseguimos terminar as atividades que foram planejadas e há sempre outras e outras solicitações.

**IHU** - Conheço as iniciativas do IHU e tenho profunda admiração pelo enorme dinamismo e qualidade dos trabalhos do Instituto. O IHU assumiu plenamente um papel essencial para a universidade: o de ser um espaço de reflexão, o promotor e inspirador de várias das melhores reflexões que nossa instituição propõe para a comunidade acadêmica. Sempre acompanhei o trabalho do IHU por meio da Revista **IHU On-Line** e dos eventos. No último ano, por conta do **XII Simpósio Internacional IHU - A experiência Missioneira: território, cultura e identidade**, tive a oportunidade de me aproximar mais concretamente do Instituto. Pude confirmar a impressão que tinha. Percebi que a rede de eficiência que o IHU forma se manifesta no apoio em que a equipe presta, no esteio que torna mais fácil o caminho da promoção de eventos. É estimulante fazer parte desta equipe.

[WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)



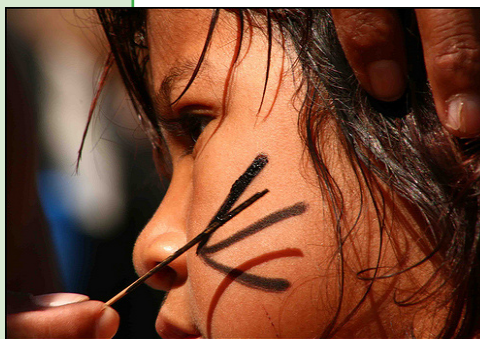
## Erwin Kräutler na Unisinos

A *Amazônia em Debate* é o tema que inspira um evento a ser realizado na Unisinos nos dias 5 e 6 de agosto próximos. Os grandes projetos do governo brasileiro para a Amazônia, como as hidrelétricas nos rios Madeira, Tapajós e Xingu têm gerado muita polêmica e dividido opiniões entre o governo, ambientalistas, movimentos sociais e indígenas. Em meio a isso, Dom Erwin Kräutler, presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e bispo do Xingu, estará

presente na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU falando sobre “Belo Monte, impactos socioambientais” e “Presença Eclesial na Amazônia: desafios e perspectivas”. Dom Erwin também falará sobre “Povos Indígenas na Amazônia: lutas e restrições de direitos”, no dia 5 de agosto, no Teatro Municipal de São Leopoldo - Centro Cultural José Pedro Boéssio. Mais informações em <http://migre.me/QZ6T>

## História e Histórias dos Guarani

O Seminário Jogue Roayvu: História e Histórias dos Guarani será realizado de 12 de agosto a 14 de outubro deste ano. Será um pré-evento do XII Simpósio Internacional IHU: A Experiência Missionária: território, cultura e identidade. É um seminário que busca apresentar uma síntese sobre a história dos Guarani no sul do Brasil, a partir de múltiplas abordagens, tais como a arqueologia, a etnohistória e a etnografia. No primeiro encontro, dia 12-08, os professores da Unisinos Maria Cristina Bohn Martins, Jairo Rogge e Waldir Pereira abrirão o seminário. Para saber mais acesse <http://migre.me/QZd3>



## Narrar Deus numa Sociedade Pós-Metafísica

Está disponível para download no sítio do IHU o livro eletrônico do X Simpósio Internacional IHU: Narrar Deus numa Sociedade Pós-Metafísica. Possibilidades e impossibilidades. O evento foi realizado na Unisinos em setembro de 2009 e no livro estão publicados os textos dos minicursos, oficinas, comunicações e pôsteres apresentados durante o simpósio. Para salvar o livro em seu computador, basta acessar o link <http://migre.me/QZqk>



Apoio:

